

# Voz de S. Antonio



Revista mensal ilustrada

Abençoada por S. S. o  
Papa Leão XIII pe-  
lo Ex.<sup>mo</sup> Ordinario  
e varios Prelados.

N.º 7

JULHO  
SÉRIE 4.<sup>a</sup>  
8.º anno

Gautier

## CHRONICA LIGEIRA

SUMMARY: *Lérias inspiradas e lérias que não são inspiradas. — A propaganda da Liga anti-clerical Paranaense. — Quem é Julio Pernetta? Um escorço, que vale uma auto-biographia. — Imparcialidade. — A cria: tal pae tal filho. — Uma mania de retalhos. — Mentira, calúnia e contradicção. — Uma verdade historica.*

*O' Musa, que para allivio  
Da gente, em noite calmosa,  
Inspiraste a Tito Livio  
Tanta arenga, tanta coisa...*

JOÃO DE DEUS.

... Ainda as lérias que o massudo patavino impingiu á gente, não para allivio — perdõe-me a memoria do nosso saudoso lirico — mas para arrelia dos travessos e sempre saudosos dias do nosso tirocinio escolar, essas lérias, repito, tinham ao menos o cumulo da seriedade; conseguiram salvar-se por entre os cataclismos e revoluções de vinte seculos, e são dignas, ao cabo d'elles, de que um cantor genial as attribua a inspiração de alguma musa grave, sisuda e pacata

Mas o chorrillo de lérias que periodicamente nos disparam, á queima roupa, os mocinhos pedagogos da Liga anti-clerical Paranaense, aquellas desenhadas pachouchadas, desartificiosamente envolvidas na fraudulagem de uma *verborrhéa* chôcha, não podem ser tomadas a sério, terão a existencia ephemera, — não digo das rosas, que seria profanação sacrilega, — mas das coisas sujas, que a gente limpa atira com asco enausea para o monturo; e, para quanto a inspiração... só se fôr a do Pégaso famoso — se o tal cavallico que de grotesca memoria é susceptivel de inspirar coisa alguma — ou então a de algum satyro galhofeiro e descarado, ou a de qualquer outra deidade pachóla de semelhante jaez...

N'este mesmo logar consagrei ha tempo uns imerecidos momentos de attenção — Deus me perdõe! — ao primeiro volume (?) da tal propaganda anti-clerical. (1)

Tenho agora defronte de mim o segundo — *A Igreja de Roma*, por Julio Pernetta — e o terceiro — *Semana Santa* por Generoso Borges. *Arcades ambo*. Tão bom é um como outro. Intellectualmente, talvez Julio exceda a Generoso. Mas na perversidade dos instinctos, na ruindade das intenções e aspirações, na ausencia de escrupulo nos processos de combate... venha o démo e escolha.

E quem é Julio Pernetta?

Satisfaremos esta curiosidade muito legitima do leitor, dizendo lhe que o livro de que nos occupámos é encabeçado por uma maxima extrahida do Cod. . . Maç. . . ; e que a pag. 24 se nos apresenta a Sub. . . Inst. . . Maç. . . congregando «os homens de boa vontade, debaixo da abobada estrellejada do seu magnifico Templo. . . confraternizando os... dentro do seu illuminado triangulo...»

Ficamos, pois, sabendo que este menino virtuoso

é mação; o que vale dizer — e o seu informe livreco nol-o comprova — que é um sectario rancoroso; proclama-se apostolo do livre pensamento, mas anathematiza a quantos se permittam a velleidade de pensar de modo differente do seu; arvora-se em paladino da liberdade, do amor, da caridade; — bellas coisas, não ha duvida —, mas de todas as paginas do livro só porreja o odio, a intolerancia, o rancor. Dos bicos da penna só lhe reguma o fel e a paixão sectaria.

E a sua imparcialidade? Para aquilatal-a, attendemos n'isto: o catholicismo é «a cynica Igreja de Roma» a «intolerante igreja romana», «corrompida no mercantilismo dos seus sacramentos, estacionada na ferocidade dos seus dogmas, atormentada pelos terribilissimos remorsos dos seus crimes e das suas perversidades», etc. (pag. 39); o padre é o «symbolo negro de deprimento escravidão». Torquemada é torpe, «S. Ignacio asqueroso», os sacerdotes catholicos são «exorcimistas do mal» (sic) «homens sem fé», «reprobos da cruz», que celebram «a Missa Negra do mercantilismo, do crime, da miseria e da prostituição», que vivem «de explorações», etc. — Mas, a par d'isto, Voltaire é proclamado o divino Voltaire (1) e o sr. Julio Pernetta «nega a divindade de Jesus; Clemente XIV é «o grande», porque extinguiu a Companhia de Jesus; o *ex-padre* Chiniquy é «o magnifico, o resplendorado»; o apostata Guilherme Dias é o «ilustrado»; Tobias Barrete é «genial», porque affirmou que a theologia é *um trapo de burel monastico*, Luiz Barreto é «o sabio, o grande sabio», Saldanha Marinho «o immortal, de saudosissima memoria...» — E assim por deante.

Este ligeiro escorço diz-nos quem é o figurão com quem nos defrontamos, e que importancia poderão ter as diatribas virulentas com que elle, n'um arranco de *tolerancia* em pró da liberdade de pensamento, pretende babujar a crença da grande maioria dos seus concidadãos, que é a crença de quasi 300 milhões de creaturas que ainda hoje, — na alvorada do seculo XX — se atrevem a preferir um acto de fé ardente e sincera a um sarcasmo ou uma gargalhada de Voltaire, e dos varios *voltaires*, em cuja estirpe vae entroncar-se a genealogia de varios Pernettas, pernaltas e pernões que nós conhecemos...

De resto, accrescentemos sómente que Julio Pernetta é o *alter ego* de Euclides Bandeira, que os leitores conhecem; e abona-se na auctoridade do outro, citam-se mutuamente, e parece fazerem ambos parte da sociedade do elogico mutuo...

\*

Este o pae da cria.

E que juizo formar acerca d'esta? qual a natureza do livro? que valor ou importancia poderá ter?... Chamemos outra vez o reu a capitulo.

«... o meu livro, diz elle, é um anathema atirado á consciencia em sangue do clero romano, é uma blasphemia sagrada pela historia, é um protesto vibrante de sinceridade em prol da liberdade, é,

(1) Voltaire escrevia a Demaville:

«Se o povo chega a raciocinar, tudo está perdido... Será sempre barbaro... E' um animal que precisa de canga, de agulhão e de ferro... Não sabemos se é por isto que a impiedade de todas as côres, e os sectarios de todas as manes têm feito d'elle o seu idolo.

Tampouco o saberá o sr. Julio Pernetta, que... vae com os outros.

(1) «A mulher e o Romanismo por Euclides Bandeira.

# Voz de S. Antonio

Redacção e administração — Braga

## SUMMARIO

### Instrucção.

- I Parte — *Secção Doutrinal*: Caprichos e incoherencias. — S. Roque. — A Paz. — Indulgencias, etc.
- II Parte — *Secção Historica*: Igreja de S. Antonio em Aveiro. — Pensamentos. — Anecdotas.
- III Parte — *Leituras Amenas*: Junto ao Tejo: uma familia interessante. — O Tocador da Galta de Folles.
- IV Parte — *Culto de Santo Antonio*: — O Pão de Santo Antonio em Braga. — Covilhã — Ouro Preto, etc. — Os cofres. — Novos membros da Pia União. — Recommendações. — Os nossos defuntos.
- V Parte — *Secção Scientifico-Litteraria*: Quadros Biblicos. — Esther. — Bibliographia. — As nossas illustrações.
- VI Parte — *Chronica Universal*: Roma. — Portugal, Hespanha, etc.
- Gravuras*: Usos e trajas na Madeira. — Jerusalem. — Mora has, Piscina de Ezechias.

Editor — D. J. de Souza Gomes.

*Pap. e Typ. Universal* — Augusto Costa & Mattos.

## INSTRUÇÃO



**E**NSINAR é emancipar o homem da inercia e da immobilitade, do erro e do vicio, e dispol-o á conquista do bem, pelas sendas da verdade e da justiça.

E como esta emancipação é difficil e arriscada, arriscado e difficil é o labor que a produz.

Não é com sentimentalismos pueris nem com pietismos nevroticos que se opera a lenta transformação dos caracteres e das consciencias.

Educar é não menos arriscada politica do que governar: educar é formar homens, governar é sustental-os.

Educar é aromatizar a atmosphera das consciencias do suave perfume do bem. Governar é preservar esta atmosphera dos fetidos miasmas do mal.

Educar é robustecer caracteres,

purificar affectos, sanctificar intenções, definir idéas e adivinhar factos. Governar é presidiar a expansão de todas as energias e de todas as individualidades, e abroquelal-as á sombra da verdade e da justiça. A arte de ensinar é uma politica esboçada, como a arte de governar é uma educação desenvolvida.

E' porisso que a bancarrota da educação traz fatalmente os desastres da politica e a anarchia das sociedades.

Muito de proposito frisamos esta necessidade logica para salientarmos com ella o alcance de n'isto mesmo aproarmos para a religião — origem de todas as grandes idéas, base de todos os nobres emprehendimentos.

Quando á idéa de nacionalidade se prendia a idéa de religião, das bancadas da escola sahiam-nos homens em que a delicadeza de sentimento rivalisava com a sensatez de criterio.

Comprehendendo no mesmo circulo de amor Deus e a humanidade,

mestres e discipulos viam de relance e apreciavam mais ou menos abstractamente mas sempre com proveito os interesses da ordem temporal e espirital; possuiam luz para antevêr o erro e força para o esconjurar.

Com a religião davam-se todos bem porque só ella lhes prodigalisava esperança certa de vida feliz, livre e desaffogada, superior ás ondas move-diças da vida, e ás affeições inconstantes do espirito.

Na religião tinham não só um laço que lhes prendia as vontades e um paradioiro sublime onde podiam descansar afoitamente, mas um fóco de luz com que nem os progressos do entendimento humano se poderiam bater, nem a desenvoltura das paixões defrontar.

Objectam superficiaes mentores da escóla materialista que a intelligencia infantil não é moldada para concepções abstractas como são as da religião.

Falso! Nenhuma idéa se casa melhor do que a religiosa com as illusões da infancia e com os ideaes vagos da juventude. E' a verdade catholica um precioso thesouro occulto no espirito de todos, que o homem nem sempre descobre por si mesmo, mas que vê, apalpa e usa na vida pratica uma vez que lhe seja mostrada por outrem a sua existencia e utilidade.

E' entendida a verdade que se escuta com prazer. E qual é a creança cujo espirito se não enleia com o *Amavos uns aos outros do Redemptor, sêde perfeitos como o vosso Pae que está nos céos, bemaventurados os que soffrem, os humildes, os pacificos, os que são perseguidos?*

As almas de nossos filhos téem sêde de d'amor, de esperança, de paz, e só

a religião as póde nutrir d'este alimento suprasensível.

Só a religião que define a vida um momento fugaz de que pende uma eternidade; que vê nas acções de cada um o libello da sua condemnação ou salvação; que mede os homens pelas suas responsabilidades no tribunal da razão e da consciencia, só a religião póde salvaguardar a escóla dos horrores da impiedade e do sophisma e dar á sociedade homens prestimosos e uteis.



## Secção doutrinal

### Caprichos e incoherencias

Q uosso seculo apresenta-se-nos sob uma physionomia particular -- é incredulo por systema. Quem fôr um pouco lido na moderna litteratura scientifica terá n'isso feito reparo; é um capricho, que outro nome se não pode dar ás preoccupações philosophicas e religiosas de varios pensadores.

A maioria das revistas que circulam, sahidas dos maiores centros intellectuaes Paris, Berlim, Vienna, jorram ondas de incredulidade, condição actualmente necessaria para salvaguardar uma reputação scientifica.

A esta corrente oppõem-se por vezes um catholicismo estreito, affirmações mal entendidas ou prematuras ou ridiculamente conservadoras, ditadas talvez por uma piedade mal entendida. Põe se ao serviço de Deus e como explicação exclusiva do seu pensamento as idéias e opiniões pessoaes e os preconceitos da epocha.

D'este embate de opiniões, de idéas pouco definidas e tão pouco conciliadoras nasce o que vêmos. Os Livros que uma tradição original venerava como concebidos pela mente sobrenaturalmente illuminada do escriptor sagrado, desceram -- quando mui-

to, á cathogoria d'um livro fundamente historico, mas sempre profano. Deus foi arrogantemente expulso d'elle pela chamada *alta critica* — e a razão dada como a unica arma viril e santa de interpretação e de conhecimento critico.

Confiados excessivamente nas forças cosmicas e nas suas surprehendentes applicações, crêem que o mundo se ha de explicar por si mesmo e expulsam para longe toda a crença no sobrenatural.

Alguns ainda conservam a noção de Deus, como Ente realmente existente, mas repudiaram a sua intervenção nos negocios humanos. As leis e as descobertas não illuminaram estes homens por vezes d'uma profunda erudição em todos os ramos do saber: cegaram-nos!

Qualquer, porém, que seja a extensão de suas negações, sempre a influencia de Deus na vida da humanidade é rejeitada. Entre os dois campos são inuteis discussões. As criticas e interpretações dos catholicos emquanto assentarem na crença n'um mundo divino são postas de parte sem discussão, apenas devida ao que tem sombras de verosimilhança.

O seu *postulatum*, o principio necessario de todas as suas deducções e investigações de qualquer genero é — a negação do sobrenatural,

Não será isto ser prisioneiros d'um dogma e fazer curvar os factos a uma theoria preconcebida? Como nos poderão, então, arremessar a pedra de incompetencia por falta de liberdade, em tratar certas questões?

Que direito terão estes homens para falsificar o testemunho da Escripura que está cheia de revelações sobnaturaes e proclamar aprioristicamente que Deus é um puro conceito ideal ou cousa equivalente?

Se proclamam e divinizam a razão e recusam a existencia de Deus em seu nome, lembrem-se da razão collectiva da humanidade que vale bem a da vossa escola. O atheismo não existe senão no estado erratico, no dizer de Quatrefages. A humanidade ainda no estado social rudimentar, como que obedecendo a um instincto de conservação egualmente social, pôz o seu nome no alto de seus codigos moraes e adorou-o.

Os maiores genios que emergiram em todas as edades têm crido no sobrenatu-

ral. Que vale, pois, o vosso partido tomado, o vosso capricho contra o pensar da humanidade que vos esmaga? Porque desprezaes, repito, em nome da razão, a razão collectiva da humanidade?

Grande e imperiosa ha de ser a evidencia d'uma verdade para colher a adhesão de opiniões tão desencontradas, e cuja noção nasce com as primeiras gerações, e faz parte do patrimonio e da consciencia da humanidade.

E é tão difficil a convergencia das intelligencias n'um ponto... São as fraquezas da razão, que os seus divinizadores parece desconhecer ou procuram disfarçar.

A muito conceder, é raro o problema moral, social, ou que quizerem, que tenha obtido a unanimidade dos votos e de pareceres.

O mesmo pontivismo é um protesto contra as incertezas das deducções puramente racionais.

(Note-se que abstrahio aqui da revelação directa que Deus de si mesmo fez primitivamente e explico a crença original na sua existencia, para só argumentar ad hominem).

Com que direito é repellido este testemunho que abraça a humanidade inteira que pensa por uma elite declarada senhora unica dos grandes problemas sociaes e religiosos? Se o mundo para sua explicação precisar d'um primeiro motor, porque se não ha de admittir elle? Se Deus é essencialmente activo porque não poderá influir nos destinos humanos? Se nos deu as idéas naturaes, porque, como pensa Mgr. Mignot, nos não podia dar algumas idéas ácerca da sua natureza, que repugnancia phylosophica haverá em admittir a Revelação? Onde apparece o absurdo?

Ao crente, cuja alma se abre despreocupadamente á verdade, não repugna ella. O racionalismo é que não póde levantar os olhos para o ceu porque o pó dos prejuizos o cegou; d'ahi a sua negação. O seu labor critico ou scientifico acha-se a cada passo compromettido pela sua desorientação phylosophica. Se o christão não póde por vezes deixar de encontrar nas suas investigações senão o já sabido pelo ensino da Igreja, o sabio materialista ou atheu não é mais livre.

Considerar o sobrenatural e a intervenção de seres superiores ao homem como o méro producto da ignorancia ou da credu-

lidade é uma leviandade que não se justifica.

E' a negação tímida mal encoberta sob apparencias de tranquillidade, um recurso desastrado o ultimo refugio d'uma causa perdida.

LEAL.



### Santo Protector para o mez de Agosto

*S. Roque.* — Vamos esboçar ligeiramente a biographia do Santo da Ordem Terceira de S. Francisco, mais popular no mundo christão, do celebre advogado da peste, S. ROQUE DE MONTPELIER.

No seculo XIII, em Montpellier dois nobres e santos esposos, João e Libera, ambos parentes proximos de S Luiz, rei de França, de S. Luiz de Anjou e de Santa Izabel de Hungria, imploravam ao Ceu um herdeiro da sua nobreza e da sua fortuna.

Depois de muito importunarem a Deus com assiduas preces e esmolas, deu lhes o Ceu um filho em 1295.

Uma cruz roxa, gravada sobre o peito do infante, auspiciava-lhe o futuro.

Libera, comprehendia que a verdadeira nobreza de uma mãe christã consistia em alimentar a seus peitos os filhos, e de os não entregar a amas, a essas mães emprestadas por dinheiro, que quasi sempre com o leite que lhes vendem, vertem na alma o vicio que lhes matá na aurora da vida a innocencia; e alimentou a seus peitos e cuidou da educação infantil de Roque por si mesma.

Bem cedo viu esta verdadeira mãe christã germinar os fructos dos seus disvelos.

Desde os cinco annos a gentil creança começou a procurar os logares retirados, para resar as orações que sua mãe lhe ensinava, a flagelar sua carne innocente. Este espirito de oração e penitencia robusteceu-se com os annos.

João e Libera ufanavam-se com aquelle filho que só do ceu podia ter vindo.

Chegou porém o anno de 1305 que enlutaria o palacio do governador de Montpellier. Os vinte annos de Roque vão ser amargurados por uma duplice perda. Seu pae cahiu gravemente enfermo.

Moribundo, chama-o junto de si e como outro Tobias deixa-lhe em testamento, mais que a sua nobre casa, o seu coração christão.

— Vou morrer, filho. Como nada tenho no mundo mais caro que tu, mais caro que esse coração em cuja educação gastei os cuidados de vinte annos, conjuro te que antes que tudo sirvas a Deus e medites a paixão do nosso Redemptor. Depois sê o braço da viuva, o pae do orphão, e nunca vejas a miseria a olhos enxutos e a mãos fechadas. Sê olhos ao cego, bordão ao aleijado, pernas ao paralytico. Serás bemdito de Deus se distribuïres pela miseria os bens que te lego.

Roque chorou amargamente a morte do pae. Mal enxugava as lagrimas, e a morte da mãe abre-lhe nova ferida no coração. Verdadeiro christão soube soffrer resignado estes dois golpes que a outro desesperariam.

Nobre, rico de bens e de prendas de espirito, mas encorajado pelo espirito evangelico, resistiu ás balas das seducções dos prazeres mundanos: vende a sua vasta fortuna, reparte-a pelos pobres e vestido de peregrino, deixa o rico palacio e a companhia do seu avô, que ficara a succeder no governo da cidade a seu pae, para começar a vida nomada de peregrino.

Foi por este tempo que vestira o habito da Ordem Terceira de S. Francisco.

O seu primeiro intento foi visitar os sepulchros dos gloriosos apóstolos Pedro e Paulo.

Deus ia começar a glorificar prodigiosamente o seu fiel servo.

Em Aquapendente vae ser o inicio da vida prodigiosa do Thaumaturgo Terceiro

Assolava então a Italia uma horrivel peste que espalhava o terror por toda a Europa, e Aquapendente era victima do asqueroso flagello.

Roque pediu entrada no hospital de S. João. Entrou, fez oração traçou o signal da cruz sobre os leitos dos semi-mortos e os leprosos surgem limpos do pestilente contagio.

Nos outros hospitaes, gafarias e casos particulares obrou eguaes prodigios.

Os cidadãos alvoracaram-se para victoriarem o seu libertador, mas quando o procuraram já estava em Césene repetindo o milagre.

Quantas povoações encontrou em direcção a Roma, quantas libertou das garras da morte, sem que em parte alguma soubessem o seu nome, a sua patria e o seu roteiro.

Chegou a Roma.

O silencio profundo, a soledade e a consternação geral apavoram-no. Os cidadãos que atravessam as ruas parecem defuntos. Roque estava no meio de um vasto cemiterio onde a morte pairava sinistra e ovante. Partiu-lhe o coração ver tão desolada a cidade dos santos Apóstolos. Entra pelos hospitaes, e com o signal da cruz sara quantos encontra, e quantos se lhe apresentam.

Visitou os santos sepulchros de S. Pedro e S. Paulo e ia já muros a fóra, quando a Cidade Eterna resuscitada á vida, o procurava baldadamente pelas ruas e praças louca de entusiasmo para o coroar de applausos.

Medico eleito por Deus para curar o seu proximo, o peregrino franciscano continuou a sua romagem bemfazeja.

Mantua, Modena e Parma e outras cidades villas e povoações do norte de Italia, foram livres do contagio pelo famoso Romeiro.

De Parma, mandou-o Deus para Placenza horrivelmente dizimado pelo terrivel flagello.

Roque entrou no hospital geral e curou do modo costumado os enfermos.

A noticia do prodigio percorre todas as ruas e no dia seguinte Placenza entrava em grossa torrente pelo hospital dentro, em busca do Homem de Deus para o conhecer e applaudir.

Mas que desapontamento!

Roque estirado, n'uma enxerga da enfermaria, estorceia-se dolorosamente, com as dores insupportaveis da mais horrorosa peste

Aos louvores do dia anterior succederam os vituperios da multidão descrente e desenganada que julga Roque um intrujão, e um desesperado.

Deus provava a virtude do seu servo, como lhe avisara em Parma.

O prodigio da vespera servira a Roque para augmentar os vituperios e a descrença geral.

O hospital tornou-se a encher de doentes, que vendo nos movimentos convulsivos, e nos agudos gemidos de Roque um desesperado, o injuriava baixamente.

Correram alguns dias.

Até que vendo o servo de Deus que aquellos pequeninos de intelligencia christãos, não comprehendiam que a resignação evangelica não prohibe as lagrimas, nem cala o coração, que Jesus chorou á porta do sepulchro de Lazaro, e no Jardim das Oliveiras e que a ultima respiração em que bebeu a morte foi um grande gemido de dôr, para não escandalisal-os mais, resolveu deixar o hospital e n'uma madrugada muito cedo, faz da vontade força, arrima se ao bordão de peregrino e foge.

Com heroicos esforços pôde entrar n'uma floresta pouco distante dos muros da cidade. Refugiou-se n'uma cabana meio arruinada.

A Providencia vae tomar a seus maternos cuidados o seu pupilo.

Uma chuva suave que cae do ceu forma um pequeno meandro que lhe desliza mansamente pela entrada da cabana. Roque lava-se n'aquella agua em que acha alivio.

O Deus que sustentou a Paulo no deserto acudiu lhe tambem com o pão de cada dia.

Proximo d'alli, fóra dos muros da cidade, estava levantada uma especie de cidade ambulante, formada de tendas de campanha, onde se refugiavam do contagio as pessoas ricas.

Um dia estando á meza do jantar, na mais vistosa das tendas, um nobre e christão cidadão, um dos cães da sua numerosa matilha, abocanhoulhe destramente o pão que ia partir para si e abalou com elle.

Gothard riu-se da habilidade do seu lebreu e partiu outro.

No dia seguinte egual façanha. Gothard admirou-se ainda da habil agilidade do gentil animal e partiu outro pão.

No terecio dia o cão repetiu a estrategia e Gothard achou-lhe nova graça.

Como o facto se repetisse mais um dia, outro e outro, o rico senhor, desconfiou e foi espiolhar o animal. O lebreu partiu como uma bala, com o pão na bocca e entrou n'uma choupana abandonada, sahindo quasi logo com trejeitos e ares de contentamento, como se fizera a maior proeza venatoria.

Gothard chegou-se a observar o mysterio da cabana.

Quando se avizinhava da entrada susteve-o uma voz moribunda :

— Não te chegues que te apego o contagio.

Gothard olhou e viu a Roque estirado sobre uma folhagem secca todo feito uma chaga, com o pão á cabeceira.

Arrepiaram-se-lhe os cabellos e voltou instinctivamente para traz.

Mas não chegou a casa. O seu elevado espirito christão susteve-o.

—Será mais compassivo que eu o meu lebreu.

E voltou a offerecer a Roque os seus ser-viços.

Roque aceitou, e andadas algumas semanas sentindo-se com forças entrou novamente em Pla-

cença, e curou a todos os leprosos que achou no hospital e na rua.

Ao pôr do sol já a cidade estava toda livre da peste e Roque ás escondidas entrou na floresta em demanda da sua cabana, onde Gothard o esperava impaciente.

Os animaes montezez, a quem se communicara o contagio, correm á sua cabana, rodeam-no com mil gestos supplicantes e Roque cura-os tambem.

Firmado assim o credito da sua virtude, a cidade inteira procura o Homem de Deus na floresta, mas quando entrou na cabana só achou a Gothard pranteando a separação do seu amigo, que a Providencia mandara partir para a cidade natal.

Roque encontrou o meio dia da França devastado pela guerra.

Os seus concidadãos de Montpellier não conheceram o nobre moço desfigurado pelas penitencias de tantos annos, e temendo que sob o trajo de peregrino, se disfarçasse algum inimigo apresentaram-no ao governador da cidade, que não apurando das suas parcas respostas a sua origem e patria, mandou prendel-o.

Cinco annos soffreu Roque os maus tratos da escura masmorra.

Os magistrados tinham-se esquecido d'elle.

Roque sentia avizinhar-se a morte e sabendo por noticia divina a sua hora extrema pediu o Sagrado Viatico.

O sacerdote, ao abrir a porta da enxovia, pasma ao vel-o convertido n'um paraizo de luzes celestes e de ecos suavissimos, angelicos.

O capellão continuou a assistir-lhe cada vez mais estupefacto.

Depois de receber os ultimos sacramentos um anjo do ceu annuncia a Roque a sua jornada.

— Roque, é chegada a tua hora, se queres algum favor para o teu proximo pede que serás ouvido.

— Peço que todo aquelle que implorar a Deus por minha intercessão a cura de algum leproso seja ouvido do ceu.

Foi a ultima graça que pediu para os leprosos e que Deus confirmou publicamente com um prodigio extraordinario, após a sua morte que não tardou muitos instantes.

Logo que a bemdita alma de Roque voou ao ceu, um anjo escreveu uma taboleta, que collocou ao lado do cadaver rodeado de esplendores celestes, em que todos os assistentes leram durante algumas horas em caracteres angelicos :

— «Annuncio-vos que todo o que estiver coberto da lepra mais horrivel e invocar o nome de Roque será curado.»

A este facto alude a Lithurgia Franciscana na oração d'este santo, o que lhe dá uma veracidade historica inviolavel.

Estes prodigios divinos foram noticiados ao governador da cidade que correu á cadeia. E ao ler na taboleta milagrosa o nome de Roque, cae de joelhos aos pés do santo cadaver e rega-lhos com lagrimas.

Roque era o seu neto que havia uns sete annos lhe sahira do palacio em peregrinação a Roma.

Depois de acordar do seu espanto, vê a cruz roxa que lhe marcava o peito, posta a descoberto

por sua esposa alli presente e como elle debulha-do em pranto.

As exequias do Santo foram pomposissimas e os milagres operados então muito numerosos.

S. Roque tornou-se pelos seus milagres um dos servos de Deus de maior popularidade.

Não ha creança que não saiba que o illustre filho da Ordem Terceira de S. Francisco é o advogado da peste e das doenças contagiosas.



### Virtude a imitar

*A paz da alma (Continuação).* — Christãos ha-de uma vida tão desassocegada a quem esta virtude parece humanamente impossivel.

Podemos reduzir a tres as causas que tolhem a paz interior nas almas christãs :

A multiplicidade de cuidados, que as enredam, as tribulações que as acabrunham, e as luctas da consciencia que as desassocegam.

Analisemol-as ligeiramente.

A primeira é talvez a mais commum.

Todo o individuo tem uma posição na sociedade, de que vive com mais ou menos trabalho, segundo a sua esphera, com cuidados que podem variar muito, mas nunca faltam.

O argentario para sustentar a vida opulenta da sua familia, e assegurar-lhe um futuro que não desdoire as tradições dos seus antepassados é todo olhos em inspecionar o andamento dos seus negocios, todo attenções em cotejar as receitas com as despezas, e em comparar os vencimentos de uns annos com outros. O pobre, rodeado de filhos, afadiga-se e gasta as forças do raiar da alva ao pôr do sol, para lhes matar a fome.

Um chefe de uma repartição qualquer, de muito movimento, que se empenhe com zelo pelo cumprimento do seu dever, passa o dia n'uma lufalufa. Um superior d'um collegio, d'uma comunidade, ou de qualquer outra collectividade congenere, em que torvelinho de cuidados não anda enredado ?

As pessoas assim occupadas para poderem conservar-se á superficie das ondas do mar irrequieto que as balança a seu arbitrio como barea sem leme, precisam de ordenar o seu trabalho, de se submeterem totalmente a uma regra de vida.

Alliás o individuo começa logo de madrugada a affligir-se com o dia que mal raiou. Pintam-se-lhe na imaginação, em montão, os affazeres d'aquelle dia, centuplicados pela phantasia alvoroçada ; levanta-se á pressa, mal se benze, olha de jacto para as occupações que tem que concluir, todos lhe parecem urgentes e não sabe por qual começar. Começada uma já lhe parece tarde para iniciar outra ; afaina-se, gasta-se, o tempo foge-lhe e os trabalhos a aglomerarem-se cada vez mais, até que põe-se o sol e as occupações sempre por concluir. E' este o resumo da historia diaria dos christãos d'uma vida muito occupada e sem uma regra de vida.

Um dia, uma semana, um mez, um anno e muitos, passados n'este remoinho, empecem os deveres religiosos do christão, dissipam a alma, in- torpeçam-na, paralizam-lhe as forças espirituas

e a vida christã não passa d'uma lucta brutal pela existencia.

Para obviarmos este estado nada proficiente para a nossa salvação eterna observaremos o seguinte :

Tracemos um regulamento geral, onde as obrigações do nosso estado e as da religião tenham o seu tempo marcado. A oração quotidiana, deve ter ali o seu tempo fixo, a frequencia dos sacramentos epoca determinada, a educação da familia logar opportuno. A este regulamento geral juntemos de manhã, depois do offerecimento das obras do dia, um particular para cada dia, que seja a applicação d'aquelle. Marquemos os trabalhos que ha que fazer, as pessoas, o modo e o tempo necessario a cada um. Depois comecemos o dia pela primeira, sem demasiada pressa, sem nos preoccuparmos da seguinte, sem precipitação, como se nada mais houvesse que fazer.

Concluido o primeiro trabalho do nosso regulamento diario, vamos ao segundo, sem nos occuparmos do já findo.

O zelo, a diligencia nas nossas occupações tornam-se indispensaveis para as fazer bem e a tempo ; a precipitação e demasiada actividade, cansa o corpo e o espirito, e só serve para atrapalhar tudo, concluir tudo mal e fóra de horas, para alterar o nosso genio e inquietar a nós e ao proximo com impaciencias, tornando-nos insoffridos e insuportaveis ás pessoas com quem convivemos.

Quanto mais emmaranhados forem os nossos affazeres, tanto mais carecemos de ordem, attenção e socego — paz interior — n'uma palavra, para pensarmos bem tudo, para darmos a tudo o seu tempo necessario. As pressas e demasiada actividade, as precipitações, perturbam a intelligencia que não pôde fixar a attenção em nada, baralham e confundem tudo, tudo desordenam e amontoam, sem a nada dar despacho com modo e tempo.

D'aqui vem que ás pessoas desordenadas sempre se lhes põe o sol antes que concluam os affazeres mais urgentes da sua casa.

A Ordem multiplica o tempo e o socego e paz interior permite á intelligencia ver claramente e distinctivamente tudo e de dar a cada trabalho a sua perfeição, tempo e modo conveniente.

As pessoas que assim procedem, chegam-lhes o tempo para tudo, e a paz de espirito conservam-lhes no meio dos seus mais emmaranhados cuidados o espirito de mansidão, resignação e de sacrificio que edifica o seu proximo.

Quanto ás almas que vivem sob o peso de grandes tribulações nada direi a mais do que escrevi n'esta revista sobre o soffrimento christão.

Se o soffrer é uma felicidade, se o soffrimento é a porta do ceu, a chave do Paraíso, a rosa de mais realce na corôa da nossa gloria, o verdadeiro caminho que pisou Christo ; se o soffrimento é a drama valiosissima com que havemos de mercar o ceu, os talentos com que pagamos a Deus as nossas dividas, se é a prova mais evidente de estima de Jesus, porque ha-de o christão inquietar-se perder a paz do espirito quando Deus com tão misericordiosas e paternaes mãos lhe põe aos hombros a cruz ?

Quando a Providencia nos visitar com tribulações, beijemos-lhe resignados e reconhecidos a mão paternal, por tão grande favor.

O soffrimento soffrido assim christãmente, torna-se um foco de consolações dulcissimas ainda n'esta vida e uma fonte perene de meritos. Concluiremos o assumpto n'outra occasião.



### Indulgencias Plenarias

Uma á escolha em qualquer dia do mez.  
No dia 16 — S. Roque.  
No dia 19 — S. Luiz, Bispo de Tolosa.



### Absolvição geral

No dia 25 — S. Luiz Rei de França.



## Secção historica

### Convento e Igreja de Santo Antonio em Aveiro

(Continuado de paginas 465)

COMO se disse n'outro logar, nunca foram grandes os recursos d'esta casa religiosa e muito lhe valiam as esmolas de alguns bemfeitores e alguns pequenos legados a respeito dos quaes teve questões judiciaes não pouco graves.

Os possuidores da Casa de Angeja, foram grandes protectores d'este convento, especialmente D. Juliana de Noronha, filha de Vasco Martins Moniz; e D. Pedro de Noronha, neto da mesma senhora e filho do primeiro Conde de Villa Verde, de quem herdou o titulo.

Cada um d'elles mandava de esmola e por semana o dinheiro para uma arroba de carne ou de peixe, segundo as epochas do anno.

Alvaro de Albuquerque e Brito, do logar do Nespereira, termo de Gouveia, possuia uma quinta no sitio de Arnellas, limite de Aveiro, onde o mesmo individuo assistia.

Em 4 de Fevereiro de 1664, José de

Almeida de Figueiredo, syndico d'este convento, mandou embargar as rendas da mesma quinta, no valor de sete mil reis, que deviam ser pagos por Domingos Gonçalves, caseiro da mesma quinta e morador no mesmo sitio e n'uma quinta, pertencente a Estacio Rebello.

Esses embargos tinham como fundamento, que a propriedade de Alvaro de Albuquerque era onerada com a pensão annual de uma pipa de vinho para as missas d'este convento, como constava do testamento do licenciado Agostinho de Brito Couceiro, e que esse legado não fôra pago nos dois annos antecedentes.

Alvaro de Albuquerque contestou aquelle embargo, allegando, o seguinte: Matheus Couceiro de Brito, seu bisavô, vinculou a dita quinta de Arnellas á obrigação e encargo de um anniversario de missas, no Mosteiro de S. Domingos, d'esta villa; tendo fallecido, ficou herdeiro Agostinho de Brito, que era o filho mais velho, com exclusão de Apolonia de Sexas, irmã d'este e avó do contestante.

Agostinho de Brito morreu sem filhos e deixou todos os seus bens, entre os quaes figurava a quinta de Arnellas, vinculada em morgado, a sua sobrinha D. Antonia de Brito, que foi casada com o Doutor João Velho Barreto.

Estes conjuges não tiveram filhos e D. Antonia, havendo testado a seu marido, ficou este sendo o herdeiro dos bens livres.

Os outros bens ficaram a D. Luiza de Brito, irmã de D. Antonia e mãe do embargado, que, tendo ficado herdeiro de sua mãe, ficou possuindo a quinta de Arnellas, sujeita ao encargo d'aquelle anniversario, mas não ao da pipa de vinho aos religiosos d'este convento, porque do testamento do licenciado Agostinho de Brito Couceiro, não constava que a tal obrigação, legado, ou esmola ficariam sujeitos *in perpetuum* os possuidores da mesma quinta.

Por isso não podia Alvaro de Albuquerque e Brito ser obrigado ao pagamento de tal esmola.

Parece, que o mesmo individuo venceu a questão. Não pude saber os tramites d'ella, mas uma nota, junta aos respectivos documentos, diz que esse legado devia ser cumprido, por quem possuísse a Quinta chamada da *Azenha da Roza*. Ora, a propriedade assim denominada, não fica muito

longe de Arnellas e talvez tivesse sido possuída por a familia do contestante, e foi isso de certo, o que deu origem á questão, de que decaiu este convento.

\*

Foram donos da *Azenha da Rosa*, Ignacio Xavier Barbosa de Magalhães e sua inuher D. Josepha Ignacia de Carvalho.

Tiveram questão identica e por egual motivo, o que nos leva a crêr, que não me engano na minha supposição.

Depois de haverem possuído a Quinta e de terem pago o legado de uma pipa de vinho, deixaram de o pagar desde certa epoca e por isso em 12 de Janeiro de 1792 João Baptista de Castro, syndico d'este convento intentou contra aquelles conjuges uma acção, chamada de força velha.

Elles defenderam-se, allegando, que não possuíam senão a terça parte dos bens, em que era imposta aquella obrigação e que por isso também não deviam pagar mais, que a terça parte do mesmo legado.

Luiz Felix Faustino foi o Escrivão do processo e depois foi o seu successor Luiz Loureiro Ferrão.

Em 5 de Julho de 1802, os religiosos tiveram nova demanda contra os mesmos conjuges e por egual motivo.

Por morte d'estes e em 1816, continuou a demanda contra os filhos. Estes eram naturaes de Aveiro, mas residiam em S. João de Loure, com o Reitor d'esta freguezia e thio d'elles, Balthazar da Camara Magalhães. Em 2 de Julho do anno immediato, o Juiz de fóra de Aveiro, Pedro José Bruno de Biscaia e Silva, decidiu a questão a favor do convento.

Em 1798, Ignacio Xavier Barbosa de Magalhães e sua esposa haviam requerido a D. Maria I, para que lhes abolisse essa obrigação, allegando, que não passavam de 13\$100 reis e tres galinhas os fôros, que recebiam, impostos em differentes predios, situados em Aveiro.

O Provedor d'esta Comarca informou favoravelmente e a Rainha, em virtude da lei novissima de 3 de Agosto de 1770, deu por abolido aquelle encargo, por uma provisão de 6 de Novembro do mesmo anno de 1789, e assignada pelos seus Desembargadores do Paço, Antonio Henriques da Silveira, João José Godinho e José Alber-

to Leitão, e por Despacho de 8 de Outubro do mesmo anno.

Essa provisão foi escripta por Paulo José do Valle e por ordem de João Frederico Ludovici. Foi registada na Chancelaria-mór em 9 de Novembro.

De nada, porém, valeu esse documento, talvez porque, no seu requerimento, os interessados não aclararam, se tinham mais propriedades ou não apontaram as que verdadeiramente eram sujeitos á pensão d'aquella pipa de vinho.

Por uma carta, assignada por um dos filhos d'aquelles conjuges e dirigida em 2 de Dezembro de 1817 a Frei José do Buneiro, Guardião d'este convento, vê-se, que tanto aquelle individuo com seus irmãos, reconheceram o direito, que os religiosos tinham ao legado, ácerca do qual houvera a demanda, que os mesmos religiosos venceram, provando, que a provisão não era applicavel ao caso, de que se tratava e que fora alcançada subrepticamente.

\*

Até 1816 recebeu este convento um legado de sete alqueires de azeite, e dois mil reis em dinheiro, pagos por a familia Rangel de Mascarenhas e Quadros, chamada regularmente dos Rangeis do Carmo, por morar perto da Igreja d'este nome.

Esse legado fóra deixado em testamento por D. Maria Rangel. N'aquelle anno, D. Antonia Hermelinda de Alpoim, viuva de José Maria Rangel de Mascarenhas e Quadros e administradores da casa, que este havia deixado, negou-se a pagar aquella pensão, com o fundamento, de que a testadora não declarára, que tal obrigação seria *in perpetuum*.

Uma certidão, passada em 6 de Junho de 1818, pelo Escrivão da Provedoria Francisco José de Pinho Ravara, declara, que esse legado apenas constava dos assentos de uns cadernos antigos. Os religiosos não apresentaram o testamento nem a publica forma d'elle e, por isso, segundo creio, decaíram de questão.

No seu requerimento também não declaravam quem era essa D. Maria Rangel nem o anno, em que fallecera. E, como, n'aquella familia, existiram em diversas epocas, differentes senhoras do mesmo nome, não será facil saber, quem foi a ver-



USOS E TRAJES NA MADEIRA

dadeira testadora nem o parentesco, que ella tinha com os Rängeis do Carmo.

Acho, porém, muito possível, que essa D. Maria Rangel fosse uma filha de Miguel Rangel Pires Pericão e D. Maria de Barros, fallecida em 11 de outubro de 1617 e enterrada na capella de S. Roque d'esta cidade.

D. Maria Rangel foi baptisada na Igreja de Vera Cruz em 10 de Setembro de 1617 e casou na mesma Igreja em 13 de Janeiro de 1627, com seu primo Fernando de Magalhães Pereira, natural de Coimbra, fidalgo da casa real e cavalleiro professo da Ordem de Christo.

Estes conjugues não tiveram filhos, e por isso é muito possível que D. Maria Rangel testasse muito livremente e sob a condição do que os possuidores dos seus bens fossem obrigados a tal pensão.



#### PENSAMENTOS

Averdade, como a virtude, é pertença de Deus, identifica-se com Elle. E como Deus não pôde ser circumscripto a um só logar e a um só tempo, nem a verdade tão pouco.

O mestre *exclusivista*, quer dizer o mestre que tem a materia subjeita como incompativel com outras sciencias, que ensina *uma sciencia só* e não quer saber das que lhe ministram os principios ou lhe são conclusão, esse tal não pôde saçar as innatas propensões do discipulo, não receberá fructo de seu trabalho, e, como resiste á natureza das coisas, como não pôde ter arte que a compense, acabará por desesperar do intento, com desprazer seu e desconsideração dos outros.

—Quer-me parecer que o *exclusivismo* no ensino é a forma externa da ignorancia, da caturrice e do egoismo.

A ignorancia é deveras artificiosa para impôr-se, dogmatisa sempre, e nunca duvida. A caturrice é a trincheira da ignorancia. O egoismo a hypostasis da primeira com a segunda.

O dogma da ignorancia acabará com a legitima liberdade do discipulo que o repudiará mais cedo ou mais tarde. Postada então nas torres da caturrice, a ignorancia como ave nocturna, carpir-se-ha de sua sorte, e, da sua suprema consolação será o egoismo.

Mas se o discipulo não logrou evadir-se ao jugo d'uma nova escravatura, o egoismo lançará mão da sua arma de ferro—o despotismo.

O *Despotismo* no ensino é mil vezes mais de-

sastroso que o despotismo na politica. Enquanto nos não fôr dado ver a verdade tal qual ella é, a unidade de intelligencias é uma chimera. Quem vos diz a vós que outros não vêem melhor a verdade? Acaso a historia das artes e das sciencias? mas nós vemos que as sciencias e artes se aperfeiçoaram na bigorna da disputa. Acaso o procedimento dos vossos collegas no professorado? Mas a experiencia quotidiana evidencia que são mais amados os que, ensinando serenamente a verdade, não impõem as suas opiniões. Acaso o procedimento da Igreja? Mas a Igreja impoñdo os seus dogmas—primeiros principios da moral, deixa divagar sobre as conclusões que não estão em contradicção com elles.

Imponde-vos, se quereis, no ensinar as verdades inconcussas, os primeiros principios das sciencias, que são um reflexo da vossa alma e da sua dependencia de Deus. Imponde-vos ao discipulo nas opiniões livres, estaes em contradicção comvosco mesmo. Queríeis acaso que alguém se impoñesse ao vosso modo de pensar?



#### ANECDOTAS

*Um duello.* — N'uma parochia da diocese de Aix, prégava um padre capuchinho, com o fim de preparar varias creanças para a sagrada communhão.

Havia n'esta parochia um velho soldado muito affeiçãoado á Ordem Franciscana, porém inimigo jurado de tudo que cheirava á religião.

Valia-se da subtilidade do seu espirito, e da sua muita influencia para apartar da Igreja todos os que a ella concorriam.

Um dia porém, levado não sei porque curiosidade, determinou-se a ir ouvir um sermão. Era na segunda-feira de Paschoa. No momento em que o soldado penetrava no magestoso templo, estabelecia o prégador a verdade da Resurreição. «Como, dizia o eloquente orador, como poderiam os guardas deixar-se vencer por homens tímidos, inexperientes e inermes como eram os apóstolos?

Sim; não se deixaram vencer. *Porque o soldado morre, mas não arreda pé do seu posto.*»

Estas ultimas palavras sensibilisaram o velho soldado que as não olvidou mais.

O missionario é bravo, dizia, veremos agora se a sua bravura é constante, ou de momento.

No dia seguinte escrevia ao missionario n'estes termos: As vossas palavras fizeram-me comprehender que sabeis manejar as armas magistralmente.»

Se assim é convidado-vos para um duello.

O missionario aceitou, e ambos ficaram em ajuntar-se no dia seguinte ao pé da Igreja, acompanhados das testemunhas e formalidades do estylo.

No dia e á hora aprazados appareceu na Igreja o valente soldado.

Após algumas palavras o missionario fez signal aos circumstantes para o deixarem sósinho com o seu terrivel procurador.

Os duellistas fitam-se e defrontam-se cara a cara.

Meu caro amigo, diz o missionario, aceitei o

duello, dei a minha palavra, e não a retiro. Apenas vos peço que me deixeis determinar o genero de combate em que nos devemos bater. O militar batido em toda a casta de duellos, annuiu.

O missionario assenta-se n'uma cadeira, em attitude de ouvir confissões.

Não me quero confessar diz o seu contendor.

Escutae, atalhou o missionario: vós haveis-me provocado eu aceitei a provocação: consentistes em que escolhesse a especie de duello, se agora vos recusaes, estaes vencido, e eu terei o direito de vos chamar um cobarde.

Para não ouvir mais este deshonroso epitheto, o gendarme lançou os joelhos em terra; mas murmurou juntamente; eu não me quero confessar! Não, tornou o missionario, não vos confessareis: apenas fazeis o signal da cruz. Mau! disse o gendarme cada vez mais encolerisado. Eu já disse que me não quero confessar. Bem o sei tornou ainda o missionario; fazei sómente o signal da cruz.

E o afamado duellista não se resolvia. Então volveu o missionario, já sei, porque não quereis fazer o signal da cruz, ignorail-o não é assim? O gendarme offendido, não sei! já vol-o farei ver.

E logo colloca a mão esquerda sobre o peito, e com a direita fez o signal da cruz, desde a frente ao peito e do hombro esquerdo ao direito.

Bem, já vejo que sabeis; disse o missionario. Mas aposto em como vós não sabeis dizer: *Eu me confesso*. Eu?! pois se já fui menino do côro! e começou logo em latim: confiteor deo omnipotenti etc. chegada ao mea culpa, disse o missionario, basta. Vejamos, agora não tendes feito isto e aquillo?

Não me provoque mais, disse em tom serio e grave o gendarme, eu já lhe disse que não quero confessar-me! Sim, não é confissão tornou o sacerdote: Sómente vos quero mostrar, que sou capaz de adivinhar tudo o que tendes feito. E logo passou a rever os mandamentos de Deus, e da Igreja, e á medida que os ia desenrolando, o gendarme ia acenando com a cabeça affirmativa ou negativamente.

Francamente, disse o missionario; confesso que me haveis vencido n'este genero de combate. Queria-vos fazer confessar, e já o tendes feito.

Mas eu não me quero confessar, disse ainda o gendarme; mas já está feito agora é impossivel voltar a traz.

Se tendes coração, se sois bravo, apresentae-vos, amanhã, á mesma hora; d'esta vez sou eu que vos desafio.

O velho gendarme que estava já meio fóra de si, apenas respondeu: *veremos*.

Durante a noite não pôde cerrar os olhos; tal era a commoção que o repassava, considerando, o succedido entré elle e o missionario.

Eu queria apanhal-o, dizia elle, e fiquei apalhado. Se me tivesse confessado bem ao menos, teria feito tão mal, mas se o faço, o que dirão de mim? Então parecia-lhe ouvir estas vozes: uma dizia: não vás: outra gritava: ávante, caminha.

E outra: tu és um cobarde.

Por fim decidiu se, e foi.

Então declarou ao missionario, que vinha para refazer o que na vespera tinha sido mal feito. Terminada a confissão levantou-se, e disse ao missionario: Meu padre tudo está bem; porém

como casarei eu commungar deante de tanta gente, que conhece perfeitamente, o que eu dizia da confissão? dos padres? e da religião?

Coragem! lhe disse o sacerdote.

Durante tres ou quatro dias passou se na sua alma uma lucta formidanda. Sentia que os seus amigos se ririam d'elle, e sentia conjunctamente, que este era o seu dever. Mais de uma vez foi pedir ao missionario que lhe desse a communhão secretamente. Porém a graça triumphou.

Tres ou quatro dias depois acereou-se da mesa eucharistica e commungou como o mais fervoroso christão.

Depois da missa veio á sacristia: as lagrimas deslisavam-lhe copiosas pela face. Abraçou o vigario, e o cura, sem poder murmurar palavra.

Passados instantes, pôde dizer: Meu Padre, como eu sou feliz, e estou contente.

Razão tinha Napoleão quando disse que o dia mais feliz da sua vida, tinha sido o da sua primeira communhão.

Depois de haver perseverado até ao fim, o velho gendarme morreu com socego e paz.



## Leituras amenas

### JUNTO AO TEJO

#### Uma familia interessante

(Continuado do mez de Junho)

**S**EU estado foi peorando, e dentro de poucos dias achava-se perto da eternidade.

Avisada por sua mãe, recebeu os ultimos sacramentos com muito fervor e resignação. A's convulsões da febre succedeu uma grande prostração. Um dia ao cahir da tarde pediu que a assentassem sobre uma cadeira perto da janella para ver as ondas do mar e os ultimos raios do poente. Pediu a sua mãe que lhe compozesse os cabellos e lhe pozesse sobre a cabeça um rico veu branco. Um grande mantelête de panno africano envolvia seus hombros, cobrindo o corpo até aos joelhos.

— Minha mãe, disse ella, perdoae-me, mas queria ficar só alguns momentos com meu marido.

D. Maria retirou-se levando consigo o Dioguito e as mulheres que a ajudaram a cuidar da enferma.

— Avósinal disse a creança, é verdade que a mãe vae morrer?

— Pede ao bom Deus que a cure! meu filho, exclamou D. Maria, e suas lagrimas por muito tempo reprimidas correram com abundancia amargamente.

Christovão Colombo, pallido e desolado, ajoelhou-se perto de Felippa.

Ella olhou para Colombo um instante, depois estendeu-lhe a mão dizendo:

— Meu esposo, tu me fizestes feliz, o que te agradeço com toda a minha alma. Não obstante deixo a vida sem saudades; ser-me-hia muito doloroso, se tivesse de separar-me de ti, por não poder seguir-te para as terras onde sonhas ir. Confio na misericordia de Deus, que as faltas da minha curta vida serão apagadas com os meritos e sangue de Jesus Crucificado. Se mais tarde tiveres de dar segunda mãe ao nosso querido Diogo não o faças sem consultar a minha boa mãe. Tu... bem o sei!... tu me esquecerás!... paciencia!...

— Não! nunca, exclamou Colombo, com os olhos arrasados de lagrimas; nunca te esquecerei Felippa, tu a minha esposa, tu a mãe do meu filho!

— Pois bem, continuou Felippa, já com a voz embargada pelos soluços, se não podes esquecer-me, ao menos não penses em mim senão com alegria, como n'uma amiga que te espera nas regiões do ultramar. Tu fallaste-me certo dia d'uma certa soberania e d'uma corôa...

«Quero fazer da minha Felippa, dizias-me, uma vice-rainha das Indias occidentaes». A corôa que me está promettida no céu, é a unica que terei, porém é uma corôa que eclypsa todas as da terra... Adeus, Colombo! Agora és livre, podes seguir o teu caminho, caminha á descuberta d'um novo mundo. Eu sei que o conseguirás. A vista dos moribundos chega até muito longe!...

E não te esqueças! Obti de Deus o favor de estar junto a ti quando teus olhos saudarem a terra promettida, a terra que está ao longe!... e com a mão desfallecida apontou as ondas e o horizonte do occidente.

Estas foram as suas ultimas palavras.

A's duas horas da madrugada expirou tranquilamente, e a tumba em que repousava seu pae na igreja de S. Salvador, recebeu tambem os seus despojos mortaes.

Poucas semanas depois, Christovão Colombo abandonava Portugal e começava as

suas penosas viagens, essas tentativas infructuosas que occuparam quinze annos da sua vida, e que não tiveram resultado, senão graças á intelligencia de Fernando rei de Aragão e d'essa incomparavel rainha, Isabel de Castella, a quem a posteridade, proclamando os testemunhos dos seus contemporaneos, saudaram com o titulo de *Grande Rainha*.

## EPILOGO

Era a 11 de outubro de 1492, que as tres caravélas de Christovão Colombo, *Pinta*, *Menina* e *Santa Maria*, impellidas por uma forte brisa avançavam rapidamente para Oeste; porém os homens que as tripulavam, como havia já dois mezes que só viam mar e ceu tinham perdido toda a paciencia e valor.

N'aquelle mesmo dia levantou-se uma revolta. A *Pinta* e a *Menina*, abordaram ao navio almirante; Colombo teve que fazer frente sósinho a todos os marinheiros que furiosos e com gritos ameaçadores pediam o regresso a Hespanha.

A revolta durou todo o dia, e nada se poupou para intimidar Colombo; porém nem doestos, nem supplicas, nem ameaças, nem lagrimas, nem furores, nem espadas desembainhadas poderam fazer vacilar a sua resolução.

— Podeis assassinar-me, dizia aos amotinados, porém não me fareis retroceder!

O dia declinava.

Volte cada um a seu posto, disse Colombo. Levantae a Deus vossos corações e orae. Esta noite mesmo descobriremos terra!...

Ide pois e tende confiança!

E todos aquelles homens vencidos por sua constancia obedeceram promptamente.

Immediatamente os marinheiros começaram a manobrar em silencio. A noite havia estendido ja o seu negro mantó. Era uma noite dos tropicos, clara como um dia nos paizes do norte. A lua resplandecia no firmamento. Uma forte corrente arrastava as caravélas até o Oeste.

A' meia noite Colombo mandou diminuir as vélas. O mar phosphorescente rivalisava em brilho com o ceu estrellado e encantador.

Em pé, como cravado na prôa do seu navio, o almirante orava fervorosamente.

Ja nascer o dia anniversario da morte de Felippa, occorrida havia já dezasseis annos.

Recordando a ultima promessa de sua esposa, Colombo, murmurou estas palavras:

— Felippa! lembra-te de mim da patria celeste! Roga por mim para que chegue depressa ao novo mundo.

Eram já duas horas da madrugada. Sentiu-se de repente um perfume delicioso e Christovão Colombo viu passar diante d'elle uma grande mariposa branca como a neve e cujas azas brilhavam com um vivo esplendor. A aëria mensageira revolteou mansamente em rôda de Colombo; depois remontando o vôo até ao Oeste desapareceu. N'aquelle mesmo instante brilhou um fugachô a bôrda da *Pinta* e resouo o estampido do canhão.

— Terra! terra! gritaram a uma voz os marinheiros!

Christovão Colombo cahiu de joelhos e entoou o *Te-Deum*.

Ao assomar o sol pelo Oriente plantou o estandarte de Jesus Christo na terra do novo mundo e tomou possessão d'ella em nome dos Reis Catholicos, Fernando e Isabel.

Colombo deu ao paiz que descobriu o nome de S. Salvador, em honra de Jesus Christo e como lembrança da igreja onde repouzavam os restos de sua esposa, aguardando o dia da resurreição universal.



## O tocador da gaita de folles

A 21 de junho do anno de 1625 perto do meio dia, um homem dos seus vinte annos atravessava a praça do Mercado de Anvers, quando seus olhos se fixaram repentinamente na porta d'uma padaria. Que veria elle ahi para o fazer parar e tomar toda a attenção? Era um simples rapaz, pouco mais idoso do que elle, mas em quem a miseria, ou melhor, a devassidão, a orgia e todos os vicios deixavam vêr claramente os ignominiosos caractêres do seu ferrête fatal. Cobria seu corpo um vestido nauseabundo, e seus olhos fixavam-se com uma avides desesperada sobre pequenos pães dourados, postos em limpos

açafates ás janellas da padaria; depois, de vez em quando lançava um olhar feroz e furtivo aos transeuntes, seguindo as mãos a direcção dos olhos para se estenderem aos pequenos pães, mas que se retiravam ao mais pequeno ruido.

O primeiro dos nossos dois personagens, seguia com uma agitação febril cada movimento do pobre desconhecido. Irá impedir a rapinagem d'esse desconhecido, ou passará como os outros com indifferença sem se preoccupar com o drama que passa a tres passos d'elle? Parece que o primeiro sentimento é aquelle que o domina, pois que, depois d'uma ligeira agitação caminhou em linha recta para o desconhecido.

No momento em que lhe ia pôr a mão sobre o hombro, para o advertir do perigo que corria, uma exclamação de surpresa sahio de seus labios:

— E's tu, Van Hermann!...

O rapaz virou-se de repente, franziu as sobrancelhas e tomando um ar arrogante disse seccamente:

— Não tenho a honra de o conhecer, meu caro senhor.

— O que? tu não te lembras de mim, David Teniers, conhecido por todos na escola com o nome de *Junior*? tu não te lembras de meu pae a quem chamavas o *Velho*, embora elle fosse bastante novo então?

Tu não podes ter esquecido Van Hermann; cresci, é verdade alguma coisa, mas isso não é capaz de me mudar; — tu é que estás horrivelmente mudado, diria mesmo que estás velho; teu rosto outr'ora tão bello e rosado, tem perdido todo o seu brilho, pareces um cadaver, que é da belleza da tua juventude?... e depois.. O joven Teniers calou-se, porque não se atreveu a dizer a acção de que fôra testemunha; mas acrescentou vivamente:

— Mas diz me o que te fez mudar assim? N'outro tempo, se bem me recordo, tu partistes para Ostende, onde teu pae te arranjou uma boa collocação na casa d'um fabricante de luvas. Vês como tenho boa memoria Van Hermann?!...

— Meu caro senhor, o nome que continuas a dar-me, disse o rapaz atrapalhado, não é...

— O teu?... acabou bruscamente Teniers, pegando na mão do seu antigo companheiro, para lhe reconhecer uma cicatriz que tinha no ante-braço. — E' este signal,

meu amigo, que te condemna; não te lembra, que foi roubando as pêras ao nosso visinho Speecheman, quando cahiste da pereira que fizestes este signal pelo qual hoje te posso reconhecer? Safa! Van Hermann! tens vergonha de reconhecer os teus amigos?

O pobre rapaz vendo-se reconhecido baixou os olhos e respondeu: Realmente sou aquelle que tu dizes, mas não me queria dar a conhecer... Ah! Junior, se soubesses as desgraças, porque tenho passado depois que nos separamos!

— Tu me contarás tudo isso bebendo um garrafa de cerveja e trincando uma côdea, disse Teniers, porque tinha sempre deante dos olhos a acção que estava para commetter o seu antigo amigo.

Teniers e Van Hermann entraram na estalagem mais visinha.

— Pão e cerveja, disse Teniers, assentando-se ao lado do seu antigo condiscipulo.

— Pede tambem um bocicado de carneiro ou de vacca, disse Van Hermann com esse descaramento habitual com seus vícios, pois tenho um appetite de seiscentos demônios!...

A este pedido indiscreto, uma nuvem passou sobre a fronte do joven pintor, depois, serenando disse ao estalajadeiro que cumprisse as ordens de Van Hermann.

Tendo servido o que lhe pediam, retirou-se deixando só Teniers com Van Hermann.

— Conta-me agora, Hermann, o que te succedeu depois de dois annos.

— Conto-to já, e... metteu um enorme pedaço de carneiro na bôcca; com o pretexto de que eu já tinha bastante idade para ganhar a vida, meu pae...

— Tinhas então desoito annos interrompeu Teniers.

Esactamente; meu pae chamou-me para Ostende; e mesmo na tarde da minha chegada, elle me declarou, que não tendo outros bens a deixar-me, me arranjava um bom meio para me enriquecer, collocando-me guarda-livros n'uma fabrica de luvas. Disse-me mais, que se me portasse bem, no fim d'um anno poderia ter uma grande fortuna, e que mais tarde até poderia ser socio da fabrica.

— Era optimo, disse Teniers.

— Uma garrafa de cerveja, gritou Van

Hermann, — á tua saude, disse, enchendo dois copos.

— Obrigado, não tenho sede; mas acaba já a tua historia, porque não comprehendo como com um futuro tão brilhante, eu te encontrei... á porta d'um padeiro...

— Capaz de comer o seu pão sem sua licença, acabou Hermann.

— Mas conclue a tua historia.

— Já... eu estava ha um anno na fabrica, continua o ex-caixeiro de Ostende, quando meu pae morreu sem me deixar... rapaz uma garrafa de cerveja.

Hermann arrancou a garrafa da mão do creado, e enchendo o copo, concluiu... essa era boa... eu contava com alguma coisa; tinha dividas e além d'isso tinha tido a infelicidade de subir no pôsto.

— Infelicidade!...

— Tu vaes vêr Teniers como foi uma infelicidade; o caixeiro morreu e o patrão disse-me: Van Hermann, eu estou muito satisfeito contigo, e para prova d'isso vou dar-te o logar do pobre Heiss que vale o duplo do teu.

— Que infelicidade, disse Teniers, rindo-se a bandeiras despregadas.

— Oh! sim, isto foi uma grande infelicidade, repetiu o ex-caixeiro em tom melancolico. — Rapaz, uma garrafa de cerveja! — Eu contei o meu ordenado, e pensei que o patrão não me tinha dado a quantia estipulada... Tu não bebes Junior?

— Já te disse que não tenho sede Van Hermann.

— Caspate! estas garrafas não têm dois decilitros... Mas um bello dia tirei ao patrão certa quantia, que tratei de encobrir falsificando os algarismos; mas elle calculava melhor de cabeça que eu com os algarismos; percebeu a trantada e...

— Reprehendeu-te severamente, concluiu Teniers, com uma certa attenção de horror.

— Não, Junior, contentou-se em me tomar pelo braço... Rapaz, onde está a cerveja?!... e poz-me no andar da rua, dizendo-me com delicadeza: Vae-te embora para outra parte!... e eu vim para aqui.

— Fizeste uma acção digna de castigo Van Hermann!! mas, dize-me, a justiça não te puniu.

— Não Junior... E tu Junior que é que tens feito depois que nos separamos?

— Meu pae é pintor e eu tambem sou pintor.

— Bello modo de vida!...

— Rapaz, quanto vos devo, perguntou Teniers ao creado, que introduzia um novo hospede na sala onde estavam Teniers e Van Hermann.

— Um ducado, meu cavalheiro, disse o creado, retirando-se para servir o novo hospede.

Teniers tirou a bolsa, viu-a milhares de vezes e só achou algumas moedas de c6bre; por fim fixou Hermann, como perguntando o que havia de fazer.

— Eis aqui o quarto de hora de Rabelais, disse por fim Teniers.

Emquanto Teniers, apoiando o cotovello sobre a mesa, repousava sua cabeça sobre a m6o direita e olhava tristemente para as pequenas moedas de c6bre, Van Hermann de um olhar simples e rapido, tinha feito a inspec66o 6 sala. Levantou-se, dirigiu-se ao seu amigo e perguntou-lhe:

— Tu n6o tens com que pagar?

— N6o, disse Teniers, mas estou a v6r o modo como hei-de resolver este terrivel problema.

— Adeus! sem reflectir j6 achei a resolu66o, murmurou Van Hermann, indicando a porta que dava para o jardim da estalagem... acol6 o jardim, ao fundo do jardim uma porta aberta e depois a rua, seguiu-me!

— Sem pagar! disse Teniers, com indigna66o! nunca!...

— Pois tu n6o tens com que... por isso 6 melhor seguir o meu conselho.

— Cala-te retorquiu Teniers, com um g6sto que n6o admittia replicas.

Passados momentos, ouviu-se o som de uma gaita de folles, perto da mesma porta, que parecia a Van Hermann o seu porto de salva66o. Em breve se viu um rapaz com o instrumento, encaminhando-se para a porta da sala onde se achavam Teniers e Van Hermann.

— Vae-te embora rapaz, disse com cara carrancuda Van Hermann; eu n6o dou esmola, nem a crean6as, nem a velhos, nem a mulheres.

— A quem d6s tu ent6o, perguntou Teniers?

— N6o dou nada a ninguem!

A voz de Teniers, a pobre crean6a fez um movimento de alegria.

— Oh! meu bom senhor, disse ella, n6o daes hoje nada a quem ainda n6o comeu um peda6o de p6o!... e ahi vem a noite e minha m6e est6 doente!

— Se tua m6e 6 uma pregui6osa, como tu, replicou duramente Van Hermann, e isso 6 uma doen6a difficil de curar.

— Se tu n6o p6des dar nada a esta crean6a n6o a insultes pelos menos Van Hermann, porque 6 que chamas pregui6osa a uma crean6a, que ganha a sua vida e a de sua pobre m6e, ceguinha!...

— Tocando gaita de folles? que bom modo de vida! acrescentou Van Hermann em tom sarcastico.

— O que queres tu que elle fa6a na sua idade? Van Herman, faz o que p6de, e mais do que p6de... Aqui tens Armando, e Teniers lan6ou-lhe as unicas moedas de c6bre que tinha, sobre as m6os da pobre crean6a.

— Bravo! bravo! exclamou Van Hermann, esse era o unico dinheiro que tinhas, cada vez melhor!

— O Bom Deus vos recompense, meu senhor, disse a crean6a com uma viva impress6o de reconhecimento. Oh! Elle 6 t6o bom! mas dizei-me o vosso nome, meu caro senhor, para 6 noite eu e minha m6e o ajuntar-mos 6s nossas ora66es.

— Oh!... isso ha-de nos fazer muito bem a n6s ambos, retorquiu Van Hermann com escarneo.

— Cala-te! n6o insultes a Deus! n6o sabes que isso 6 uma blasphemia!

— Meu caro senhor, dizei-me o vosso nome, tornou o pequeno tocador da gaita de folles.

— Meu nome bom menino? 6, disse docemente o joven pintor, 6 Teniers.

— Qual? o velho ou novo, perguntou ingenuamente a crean6a?

— O *velho*, respondeu Van Hermann, dando ao mesmo tempo uma gargalhada estridente.

— Pedi por ambos caro Armando, porque o *velho* 6 meu pae, e eu sou o *n6vo*.

— Anda l6, que isso ha-de metter-te alguns ducados na bolsa, disse Van Hermann depois de alguns momentos de silencio.

— P6de ser, acrescentou Teniers, levantando a cabe6a e chamando pelo creado da estalagem — «Uma grande f6lha de papel branco e um lapis, disse Teniers.»

Imediatamente o creado trouxe o que pedia.

— Armando, caminha, disse Teniers ao pequeno tocador de gaita de folles, põe-te alli... não... mais para a direita... mais á luz; pega na tua gaita de folles, finge que tocas, mas não toques... bem, perfeitamente... quietinho.

E o joven pintor começou a desenhar.

— Vamos a vêr aonde isto vae dar resmungou Van Hermann.

— Ajuda-te a ti que Deus te ajudará, respondeu Teniers, sorrindo-se.

— Eu vejo-te trabalhar, e estou á espera, a vêr o que sahe, o bom Deus que te ajude, retorquiu Van Hermann.

— E não foi Elle que me enviou esta creança, para me inspirar uma idéa que nos livrará dos nossos apuros?

— Muito bem... ávante Junior.

— Depois verás, disse Teniers, continuando com o seu trabalho

Seguiu-se um silencio profundo, durante o qual só se ouvia o ruido que o lapis fazia riscando o papel, Teniers trabalhava com ardor e Van Hermann, assentado sobre uma caixa, tinha as suas pernas n'um continuo vae-vem, e com os olhos fixos no tecto da casa, assobiava por entre os dentes uma aria popular.

O estrangeiro que tinha entrado depois dos dois protagonistas, levantou-se devagarinho e foi collocar-se atraz de Teniers para examinar o desenho.

— Mylord, os vossos cavallos estão atrelados, gritou um rapaz entrando bruscamente na sala.

— E meu desenho está acabado, disse Teniers, levantando a cabeça repentinamente. Rapaz, disse elle ao creado da estalagem que estava á espera da resposta do inglez, pega n'este papel, e vae á casa do mercador de desenhos aqui a dois passos, ao snr. Ebrard; elle dar-te-ha um ducado por elle, e ficaremos pagos, porque não tenho outro dinheiro.

— Meu caro jovem, disse o estrangeiro, que mais depressa que o creado havia pegado na folha de papel, eu dou-vos tres ducados, por isso o desenho pertence-me.

— Ah! O Bom Deus ouviu a oração do filho da ceguinha, exclamou o pequeno tocador com os olhos arrasados de lagrimas e a voz entrecortada de soluços.

— Bem, bem, pequeno, aqui tens para

tua mãe, disse lord Fulton pondo na mão da creança uma moeda de prata, e agora este desenho pertence-me meu joven pintor?

Obrigado mylord, disse Teniers, recebendo os tres ducados.

— Mylord, vossos cavallos estão atrelados, gritou segundo creado entrando na sala.

— Já vou; meu caro jovem, a vossa mão; é a mão d'um bravo, d'um homem nobre, d'um bello artista, e por ultimo d'um bom christão. Chamo me lord Fulton, se o acaso vos conduzir a Londres, ide visitar-me, pois o vosso coração não é só de artista, mas é um coração de christão segundo o Bom Deus.

Depois do inglez sahir, Teniers pegou n'um ducado e pôl-o nas mãos do creado, os outros dois deu-os a Van Hermann dizendo: aqui tens, e se eu não te disse as ultimas palavras do teu patrão, ficam no meu coração, adeus. Eu me esquecerei do teu nome, não te lembres tambem mais do meu.

Teniers d'esse dia por deante, dedicou-se á pintura com ardor; e depois de copiar alguns quadros de Rubens e Tintoret arrojou-se a crear o original.

Teniers era amavel, d'uma vida honesta, um perfeito christão que conquistára a amizade dos seus compatriotas.

Sua gloria seguia-o até ao seu gabinete de trabalho; sua casa era o *rendez-vous* de todos os nobres e de todos os artistas.

Teniers compoz uma granle quantidade de quadros, que elle proprio dizia serem necessarias duas leguas para os expôr ao publico. Morreu em Bruxellas na idade de 80 annos.

Eis alguma coisa para ser lida por todos aquelles que desejam ser homens honestos perante a sociedade e perante Deus.

P. ALBERTO TEIXEIRA.

Braga, -20-7-902.



O Pão de Santo Antonio

DECLARAÇÃO

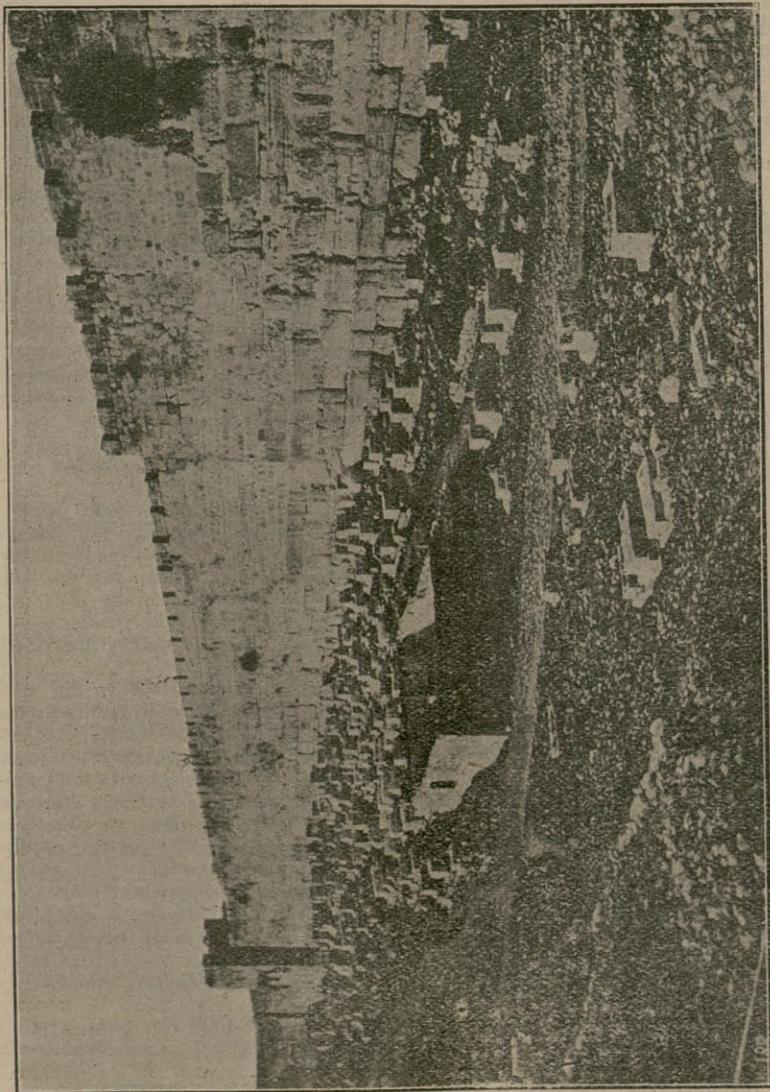
A Redacção da «Voz de Santo Antonio», julga opportuno repetir aqui as declarações já feitas por mais d'uma vez:

a) A instituição do Pão dos Pobres de S. Antonio, posto que seja obra dos Franciscanos funciona independentemente da sua direcção. Poronde,

b) As esmolas depositadas nos cofres de S. Antonio nem são para a «Voz de Santo Antonio», nem para os seus directores e colaboradores, nem para os Franciscanos como aleivosamente aventaram muitos jornaes, mas

to de que é órgão mensal. Não explora a credence do povo, mas fomenta o espirito de piedade. E se muitas das cartas que publica não têm a orthographia e a grammatica desejadas, e empregam indistinctamente o nome de graças ou milagre, não são da redacção as responsabilidades, mas dos proprios signatarios.

De resto a Redacção da «Voz de Santo



ERUSALEM : MURALHAS

são exclusivamente para o Pão de Santo Antonio e para obras de caridade promovidas pela commissão administrativa, á qual só cabem as responsabilidades do bom ou mau emprego das ditas esmolas.

c) A «Voz de Santo Antonio», dando publicidade ás muitas cartas de agradecimento que apparecem nos cofres de Santo Antonio, tem só em mira dar gloria a Deus e ao San-

Antonio», para se conformar com os decretos de Urbano VIII, declara mais uma vez, que não pretende dar aos factos narrados no Culto de Santo Antonio senão um valor meramente historico, deixando á Egreja o julgar da sua authenticidade.



## BRAGA

## AOS AMIGOS DE SANTO ANTONIO

Pedimos mais uma vez que não se esqueçam de indicar em termos claros e preeisos a graça ou graças recebidas de Santo Antonio, para que dignamente se possam publicar na «Voz» em honra e louvor do grande Thaumaturgo.

Confrontando a receita enorme das esmo-las mensaes ao Santo para o Pão dos Pobres com as cartas de agradecimento, vêmos que a maior parte das graças não vêem ao publico, o que não pôde ser agradável a Santo Antonio; pois é justo que atteste o seu reconhecimento quem recebe os favores.

Petições .....	37
Cartas de agradecimento.....	19
	—
Total das cartas.....	56

*Meu milagroso Santo Antonio.* — Remetto-Vos a quantia de 100 rs. pelo resultado, feliz, que obtive do que Vos pedi; peço porem que me despacheis o resto da supplica o que desde já agradeço. — G.

— Manuel José Ferreira Torres offerece ao milagroso S. Antonio 1\$000 réis por um milagre recebido. *Gualtar — Braga.*

— *Glorioso Santo Antonio meu protector.* — Venho entregar-vos as tres quantias que vos devo — 5\$000, 2\$500, 500 réis — e peço-vos me perdoeis a demora.

Continuae a proteger-me, bem como a todos os meus filhos, e fazei que eu nunca deixe de ser vosso devoto, attendendo aos meus pedidos.

Agradecendo-vos os beneficios que me tendes feito, espero ter de vos agradecer ainda mais. — 17—5—902 — M. de Faria.

— *Meu querido Santo Antonio.* — Venho agradecer-vos uma graça que acabaes de me fazer o ter noticias de um parente de que ha muito não sabia. Agradeço-vos e novamente vos peço que não me desampareis e continue a proteger-me. — A.

— Envio 1\$000 rs. para o pão dos pobres do glorioso Santo Antonio, em acção de graças pelo que, juntamente com S. José, me alcançou, curando-me d'uma doenca nos olhos. — *Palmyra de Castro.*

— Offerece a Santo Antonio a importancia inclusa mil réis, José Antonio Gonçalves de *Caldellas*, em cumprimento d'uma promessa feita ao milagroso Santo por um cavallo que estava doente.

## COVILHÃ

— Por mais de uma vez tivemos o grato ensejo de attestarmos ao publico as boas impressões que nos deixa a leitura da excellente *Voz da Caridade, da Covilhã.*

Esta revista posto que fundada n'um meio tão modesto como é o portuguez, continua, com o mesmo folego; no seu programma de vulgarisação do Pão de Santo Antonio.

Cada mez, alem de illustrados artigos instructivos e litterarios, insere um quadro synoptico do resultado das esmo-las em beneficio dos pobres

de Santo Antonio, como se pode vêr n'outra local da *Voz de Santo Antonio.*

Abençoadas mãos que trabalham n'uma empreza de tanta gloria para Deus e de tantos beneficios para o povo!

## POVOA DE LANHOSO

Muito reconhecida a S. Antonio pela graça que lhe pedi e obtive, a *saude de meu marido*, envio-lhe 4\$500 (una libra) para o pão dos seus pobresinhos. Pedindo-lhe continue a proteger nos. Povo de Lanhoso — *Elisa Mendes.*

## SANTO THYRSO

*Ex.<sup>mo</sup> Rev.<sup>mo</sup> Snr. Director da «Voz de Santo Antonio».* — Junto com esta envio a quantia de 6\$100 réis para o pão dos pobresinhos do meu Amado Santo Antonio. *Foram tres graças* que implorei de Santo Antonio e em todas tres fui attendido. Offereço, portanto este pequeno obulo conforme lhe prometti, por isso rogo dar-lhe o destino que digo. Esperançado e com grande fé, conto obter todas as graças que diariamente lhe supplico, pois Santo Antonio sempre tem attendido ás supplicas d'este humilde agradecido. — Santo Thyrso — 16—7—902. — Devoto de Santo Antonio — J. C.

## ALBERGARIA

— Por vós meu Grande Santo, teides ouvido a minha supplica, que era *melhorar meu marido*, vos envio 500 rs. para o pão dos vossos pobresinhos e mais uma vez vos rogo me continueis a proteger e a minha familia. — Uma devota.

## MAFRA (LIVRMENTO)

— *Snr. Director* — Peço-lhe o favor de publicar na «Voz de Santo Antonio» o seguinte:

— Meu Glorioso Santo Antonio. — Venho agradecer-vos meu querido Santo, tantos e tantos milagres que continuamente me fazeis, sois Vós o meu protector, a Vós recorro em todas as minhas afflicções. Peço-vos meu querido Santo Antonio que me perdoeis o não vos ter escripto ha mais tempo para vos mandar os 500 rs. que vos prometti para os vossos pobresinhos.

Agora se me fizerdes a graça que vos tenho pedido dar-vos-hei mais 1\$000 rs. — Uma vossa devota.

## TORRES NOVAS

— Envio 2\$000 réis para o pão dos pobres em acção de graças d'um beneficio recebido. — *Pedro Dantas.*

## AREGA

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Muito vos agradeço o favor que me fizestes; por isso vos envio 400 réis para o Pão dos vossos pobres. — *Maria da Conceição.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio.* — Muitissimo vos agradeço a graça que me alcançastes de Nosso Senhor, *de eu ser feliz no meu negocio.* Por isso vos envio 500 réis para o pão dos vossos pobresinhos. — *José da Silva Alquidão.*

— *Meu glorioso Santo Antonio* — Ah! vos remetto 1\$000 reis conforme vos prometti para o pão dos vossos pobres, por differentes coisas que vós sabeis. Não vos esqueçaes d'estes vossos devotos. — *Joaquim Augusto Pires.*

— *Meu Glorioso Santo Antonio* — Infinitas graças vos sejam dadas, pela graça que me alcançastes de Nosso Senhor e por isso vos remetto 2\$250 reis para o pão dos vossos pobresinhos. — *Vossa devota Maria da Conceição Fernandes.*

— *Rev.<sup>mo</sup> Snr. Padre Director da «Voz de Santo Antonio.* — Remetto a V. Rev.<sup>ma</sup>, em carta registada mil e duzentos reis, da minha assignatura da «Voz de Santo Antonio», e mais 5\$800 rs. para o pão dos pobres de Santo Antonio, offerecido por estas mesmas pessoas, que enviam estas graças, cujo favor pedimos de serem escriptas na «Voz de Santo Antonio».

**PONTE DO LIMA**

— *Snr. Director* — Remetto junto a esta o mappa do pão de Santo Antonio que rendeu durante o anno economico de 1901 a 1902 o que peço o obsequio de o publicar na «Voz de Santo Antonio», e tudo será por amor de Deus e Santo Antonio. — *José Joaquim de Araujo Gomes.*

**GÓA (INDIA PORTUGUEZA)**

— *Reverendissimo Snr. Director* — N'esta data remetto a V. a importancia de 4\$000 rs. por vale postal. A quantia restante será enviada, em breve, pela mesma via.

Bem assim remetto, incluso o agradecimento de um seminarista para ser publicado na respectiva secção da «Voz» o qual envia comigo 400 rs. Desejo a V. Rev.<sup>ma</sup> optima saude e a paz de Nosso Senhor e peço creia-me — De V. att.<sup>o</sup> obg. e V. servo em C. — *Padre Isidoro da Cunha.*

S. Thomé, Goa (India Portugueza, 25—6—902.

— *Milagroso Santo Antonio* — Muito e muito vos agradeço a graça que me concedestes de fazer com que eu ficasse distincto ns meu exame de latin e plenamente approved no de Francez; ah! vos remetto a insignificante quantia promettida de 400 reis para o pão dos vossos pobresinhos e peço que continueis a proteger me como até hoje me tendes feito. Vosso humilde servo — *C. G. S.*

— *Meu milagroso Santo Antonio* — Venho agradecer mais uma vez os mais dois beneficios que me alcançastes do Sagrado Coração de Jesus e em agradecimento envio as 3 rupias que prometti. Peço-vos que me protejaes sempre. — *Padre Babacier d'Almeida.*

**OURO PRETO (BRAZIL)**

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Agradecendo quanto em meu beneficio tendes feito, dou-vos para os vossos pobresinhos a pequena quantia de 500 reis. — *C. J.*

— *Meu bom Padre Santo Antonio.* — Venho dar mil graças a Nosso Senhor Jesus Christo por ter alcançado o que pretendia, devido á vossa benigna intercessão para com o maior dos peccadores e o mais humilde dos vossos servos. Agrade-

cendo-vos a graça concedida, deixo para os vossos pobres a insignificante quantia de 2\$000 rs. *J. R.*

— *Meu glorioso Santo Antonio.* — Venho hoje cumprir a minha promessa enviando os 500 reis que vos prometti para os vossos pobres tendo já feito a communhão pelas Almas. Agradeço do fundo do coração a graça que me fizestes, fazendo com que eu sabisse approved nos meus exames. Peço-vos continueis a proteger-me para que eu saia bem nos outros. Vosso devoto. — *J. C. de Paiva.*

*De diversas partes :*

Quantias recebidas n'esta redacção e levadas a seu destino:

Santo Thyrso — D'um devoto.....	6\$100
Albergaria — D'uma devota.....	500
Figueiró dos Vinhos (Arega) — Recebido de varios devotos por intermedio de João Martins Mano.....	5\$800
Mafra (Livramento) — D'uma devota..	500
Torres Novas — Pedro Dantas..	2\$000
Amares — Figueiredo (Fornos Velhos) Bento José de Souza.....	350

**Os cofres do Pão dos pobres de Santo Antonio**

<b>Braga.</b> —Em maio 201\$630 reis, mais 2 libras em o ouro e agio.	
Em junho 225\$520 reis.	
<b>Covilhã</b> — Em abril.	
Esmolas recebidas :	
Encontrado nas caixas .....	530
Esmola no fim da missa.....	160
Dos Ex. <sup>mos</sup> srs.:	
Claudino D. A. e Rosa.....	300
Luiz Antonio de Carvalho.....	1\$000
Julio Antonio Leitão.....	2\$500
Padre João da Costa Vaz .....	500
	<hr/>
	4\$990

Foram distribuidos 50 pães de trigo a outros tantos pobres nos dias 6 e 27 do corrente, alem da valiosa offerta mensal que recebemos da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Rosa Guimarães Camolino, e que igualmente foi distribuida por muitos dos nossos pobresinhos.

<b>Em Maio</b> — Esmolas recebidas:	
Encontradas nas caixas.....	870
Padre Manoel dos Santos Leitão.....	500
Anonymo.....	1\$000
Esmola no fim da missa.....	230
	<hr/>
	2\$600

O Pão de Santo Antonio foi distribuido nos dias 4 e 18 a 50 pobres.

<b>Em junho</b> — Esmolas recebidas :	
Prior de Santa Maria.....	1\$000
Prior de S. Pedro (Arroz).....	800
Capellão do 21. <sup>o</sup> .....	800
Capellão da Misericordia.....	300
Prior de Pêva.....	1\$000
Francisco Pereira Presunto.....	500

D. Maria do Rosario Madeira e Castro..	1\$000
Francisco Nunes da Silva.....	2\$000
Rita, creada .....	40
Manoel do Carmo Saude .....	1\$000
Encontrado nas caixas .....	625
	<hr/>
	9\$065

O Pão de Santo Antonio foi distribuido no dia 1 a 50 pobres e no dia 15 a 300.

Tambem foi distribuida a importante e valiosa esmola offerecida pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Rosa Guimarães.

**Ponte do Lima.** — Esmolas para o pão de Santo Antonio, no anno economico de 1901 a 1902 na igreja de Santo Antonio dos Frades :

		Esmolas na caixa da Igreja	Esmolas nas caixas das lojas	Esmolas particulares
Julho de..	1901	3\$360	1\$920	
Agosto ...	»	2\$220	2\$390	
Setembro..	»	6\$430	6\$465	
Outubro...	»	1\$530	4\$530	
Novembro.	»	2\$270	4\$330	
Dezembro.	»	3\$370	5\$365	
Janeiro de	1902	20\$70	5\$350	5\$000
Fevereiro.	»	770	1\$480	
Março ....	»	3\$230	4\$645	
Abril.....	»	3\$855	4\$645	10\$000
Maió .....	»	5\$530	3\$490	
Junho.....	»	3\$175	4\$220	19\$950
		<hr/>	<hr/>	<hr/>
		37\$810	48\$830	34\$950

*Conta geral :*

Caixa da Igreja. ....	37\$810
Caixa das lojas.....	48\$930
Esmolas particulares .....	34\$950
<b>Total.....</b>	<b>121\$590</b>

Milho que se recebeu durante o anno economico desde Julho de 1901 a Junho de 1902: 55 alqueires.

Centeo recebido no mesmo tempo: 2-1/0 ditos

Gastou-se durante o mesmo tempo 154 alqueires de milho.

Centeo 24-1/2 ditos divididos em 1:985 broas.

A meza que administrou este anno economico, agradece em nome dos pobres do Santo a boa vontade da snr.<sup>a</sup> Maria Thereza que coseu todo o pão gratis e sempre bem feito em que houve uma economia pouco mais ou menos de 7\$140 réis.

Ponte do Lima 16 de Julho de 1902.

O Thesoursiro

*José Joaquim d'Araujo Gomes.*

**N. B.** — Tem havido durante o anno muitas petições que a maior parte se tem publicado no jornal a *Semana* d'esta terra.

*Recomendações espezias*

As ordens religiosas em Portugal.  
Os collegios catholicos.  
As missões no ultramar.  
Quatro almas.  
Uma casa religiosa.  
Um sacerdote.  
Todas as petições depositadas nos cofres de Santo Antonio.



*OS NOSSOS DEFUNTOS*

*Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum ejus.*

*D. Adelaide Augusta Fernandes, D. Maria dos Prazeres Almendra (Vinhaes).* — Eram associadas da *Pia União* e assiduas leitoras da nossa revista *A' nossa dedicada assignante D. Anna do Carmo Almendra* de quem eram tia e prima e a toda a enlutada familia enviamos a expressão do nosso sentimento.

— *D. Delphina Amelia da Silva Pimentel.* — Deu tambem a alma a Deus na mesma villa esta bondosa senhora muito conhecida em toda a provincia transmontana.

Que descanse em paz.

— *Padre Francisco Salles de Souza.* — Commissario da Veneravel Ordem Terceira em Angra, Açores e assignante da *Voz de Santo Antonio.*  
— *Manoel José de Souza (Barcellos).* — Era assignante da *Voz de Santo Antonio.*

\*

Communica-nos o nosso assignante José de Castro Gavinha de Coimbra ter fallecido tambem a sua bondosa mãe.

Paz á sua alma.

*R. I. P.*

**Secção scientifico-litteraria**

**QUADROS BIBLICOS**

ESTHER

V

Ainda que um rei seja o mais justo e humano sempre encontra quem descontente

com os seus decretos procura revoltar-se, na esperança de achar dias que lhe sejam mais propícios ás suas ambições. E se n'um regimen de plena liberdade se dão estes factos, nada admira que n'esses tempos de cega tyrannia, os revoltosos surgissem a cada momento procurando derribar o rei ou o senhor que lhes não podia, sem quebra de justiça, matar a sêde das suas ambições.

E demais Assuero reinava em povos diversos, que procuravam a cada momento um ensejo para levar a desordem ao seio d'aquella sociedade tão ficticiamente consolidada.

Uma conspiração foi descoberta por Mardocheu, e que tinha por fim matar o rei. Embora de distincta raça, o hebreu, não poudes guardar tal segredo, que não se lhe revelássem suas sombras. E assim o foi contar a Esther para que o rei fosse prevenido. Não tinham os hebreus até este momento agravos alguns de Assuero, que os deixara em plena liberdade de suas crenças, e demais sua filha adoptiva cingia uma corôa de rainha.

A mudança do imperio podia e devia naturalmente convertel a á condição de escrava.

Avisado, pois, o rei, foi a conspiração subjugada e os seus chefes tiveram o castigo que correspondia ao seu crime.

Mas Assuero no meio de todo o seu fausto e grandeza não esquecia de mencionar os factos mais naturaes do seu reinado, e este foi naturalmente um dos que havia registrado.

A administração de um imperio era vasta de mais para uma só cabeça, e, embora tivesse o conselho composto dos seus sabios.

Assuero procurou um dos seus favoritos para com elle repartir o mando supremo.

Dentre os aulicos que formavam a sua côrte escolheu a Aman, filho de Ammedatha; homem de vasta intelligencia, mas de mais desmedida ambição e orgulho.

Foi elevado ás maiores grandezas.

Ordenou o rei que todos lhe prestassem obediencia.

Cingindo um peregrino manto dos mais ricos tecidos, cercado por todos os grandes e sabios do imperio, montando um dos mais famosos cavallos, ornado das mais ricas peças de ouro e prata e pedras preciosas.

Aman, como um symbolo da magestade, percorreu todas as praças da cidade impe-

rial, para que todo o povo se curvasse em respeitosa adoração.

O povo cumpriu as ordens do rei.

Mas dentre o povo hebreu um só homem houve que não se sujeitou a esta humilhação.

Presentia n'aquelle homem investido de tamanhas grandezas um inimigo da sua raça, um ambicioso que deveria não governar pela doçura, nem aconselhar o rei á benevolencia, mas o tyranno que faria a desgraça do povo.

Aman, porém, não poudes reprimir o odio que tal facto elevou no seu espirito.

E sabendo a nação a que pertencia Mardocheu, traçou o seu plano de vingança.

E como os aulicos ambiciosos têm sempre para infelicidade dos povos, a arte de convencer os reis para a pratica das mais crueis resoluções, fallando em nome dos interesses do estado, da ordem que póde perigar, e até nos tempos modernos da propria liberdade, que para uns consigna direitos e para outros representa a sua negação.

Aman concebeu na sua imaginação diabolica como deveria aniquilar o orgulho do hebreu.

— Senhor, dizia Aman a Assuero, o povo hebreu, a quem foram concedidas amplas liberdades, vae crescendo em numero; possuindo immensas riquezas; não respeita as ordens do rei, nem as crenças dos outros povos, porque de todos escarnece.

Com o tempo, senhor, elles constituem um perigo para a vossa corôa, porque um dia unidos aos outros povos descrentes, podem levantar-nos uma rebellião impossivel de conjurar.

Senhor, preveni o futuro, não deixeis os vossos inimigos augmentar de poder.

A arvore enquanto é pequena não rouba a sombra ás flores que lhes estão proximas; mas depois dos seus ramos se elevarem até ás nuvens, ha só um remedio, corta-a pela raiz, para que não mais rebente.

— Mas então, Aman que pretendes fazer para conspirar o mal que vês tão proximo?

Acima de tudo quero a tranquillidade do meu imperio. Soffram o mais severo castigo todos os que se revoltam e podem um dia pretender quebrar a unidade de uma nação tão grande, que á historia deixará os factos mais extraordinarios.

— Senhor, disse Aman, é necessario

destruir aquelle povo de raça e crenças tão contrarias ás nossas.

— Aman, ahí tens o meu anel do supremo poder, ordena o que te parecer mais justo á gloria do meu imperio.

São assim os reis que longe das necessidades do povo e desconhecedores das ambições dos seus ministros todas as ordens sancionam sem indagar se ellas partem da justiça, e se têm uma aspiração superior.

Aman, sentiu no seu espirito a alegria do poder; em nome do rei, podia vingar-se do hebreu que lhe não prestava adoração, como se elle fôra uma divindade.

Ordenou então que fossem escriptas cartas a todas as provincias do imperio, para que fossem morto todoss os hebreus, creanças e velhos, n'um mesmo dia, treze do mez duodecimo, que é o mez d'Adar.

Procurando depois o rei lhe disse :

— Senhor estão dadas as ordens para o exterminio d'aquella raça inimiga. O imperio vae ficar livre; e um grande exemplo se dá ás nações do mundo, e ás provincias sujeitas para que reconheçam a auctoridade real.

Os seus grandes thesouros e propriedades vão enriquecer o nosso estado.

Maior vae ser de hoje para o futuro a vossa grandeza e dominio.

Os thesouros cheios de patra e ouro, as terras possuidas pelos inimigos repartidos, pelo povo que obedece ás nossas leis, e o paiz liberto de uma raça inimiga, a que setenta annos de captiveiro não poude modificar a indole ambiciosa. Nem pela escravidão, nem pela liberdade se consegue tornar um povo digno. E' raça maldita.

D'aquí a breves tempos todos elles que procurem a paz sonhada na Sião encantadora das suas crenças!

— Mas velhos e creanças, disse Assuero, todos anniquilados! Não será muita gente!?

E as suas riquezas não serão um roubo, e as suas terras fructo do seu trabalho, uma expoliação?

— Senhor, bem me peza n'alma vêr me obrigado a ordenar tamanho castigo; mas o que hoje vamos praticar será o que esse povo nos fará amanhã se o deixarmos livre. E então não será um só povo sacrificado, mas muitos povos e extincta para sempre a gloria do vosso imperio. E as sombras de

Dano e de Cyro perguntar-vos-hão: — Que é feito do imperio dos Persas? —

E vós direis, senhor, — morreu nas minhas mãos! —

— Cumpre as tuas ordens, Aman. Acima do sentimento estão as razões do Estado, o poder e a gloria da minha corôa.

— Assuero, reinará por largos annos e o vosso nome será escripto na historia em letras de ouro.

— Ou de sangue, disse ainda o rei.

## VI

Apesar das ordens de Aman para todas as provincias do imperio serem reservadas, para que os hebreus não fossem prevenidos e tentassem alguma rebellião, para escapar a uma morte inevitavel, a noticia foi, ainda que em segredo, a todos divulgada.

Foram dias de luto e de tristeza para aquelle povo.

As portas da cidadella cerradas: nem fugir podiam procurando abrigo na terra da patria, embora deixassem todas as suas riquezas ás ambições dos inimigos.

As mulheres, as creanças e os velhos choravam lagrimas ardentes, nas ante-vesturas da eterna noite da morte, cujas sombras já lhes envolvia os corações. Os homens novos e validos sentiam o desespero de não poder enluctar. De que lhes valia lutar n'uma rebellião, como podiam encontrar outros povos que pretendessem ligar a sua sorte á d'elles.

Depois já contavam que os bens dos hebreus seriam partilha dos outros povos considerados fieis ao imperio. E como outro sentimento não existia senão o da ambição, este impunha-se e tornava alegres aquellas almas frias perante as agonias d'um povo.

Mardocheu, assim como os seus companheiros de desgraça, rasgaram os seus vestidos, vestindo-se de sacco e de cinza.

Procurou fallar a Esther, que elle julgava ainda ignorasse a ordem de Aman.

— Filha, os nossos irmãos dentro em breves dias perecerão, sendo-lhes roubadas todas as suas riquezas, alcançadas pelo trabalho n'esta terra ingrata e madrasta.

E' necessario que falles ao rei para que elle revogue esta lei de morte que paira sobre as nossas cabeças.

— Mas, meu pae e senhor, como poderei fallar ao rei?

Não sabeis que ninguem sem sua ordem pode transpor as portas do seu palacio!

Se o fizesse seria logo condemnada, e minha fronte não mais cingiria a corôa de rainha.

— E pensas, Esther, que escaparás tambem á morte? Julgas que será sempre ignorada a tua raça? E ainda que assim fosse terás coração para veres morrer os teus irmãos, e tu ficares gosando as grandes ephemerias d'uma corôa.

Não, Esther!

Vae jejuar durante tres dias, e apoz elles enterecede junto do rei por este desgraçado povo, que está proximo do captivoiro da morte.

— Meu pae e senhor, o meu jejum está completo. Já sabia da ordem do cruel e ambicioso Aman.

Era já minha resolução implorar a clemencia do rei, embora eu seja tambem sacrificada.

Quero morrer comvosco, partilhar do vosso luto e acompanhar-vos n'essa eterna viagem.

Mais uma vez ficará vago o lugar de rainha; mais umas festas para o povo.

Tranquilla descerei tambem ás regiões frias da morte.

Que importa a vida quando ella está envolta em luto!

Quanto mais breve chega o seu fim, mais se abrevia o soffrimento.

O que é a vida?

E' porventura uma primavera constante cheia de fôres, de risos e de sol?

Não!

Dia a dia, anno a anno a alma vae-se despindo de todos os sonhos, como no outomno as arvores se vão despojando de todas as folhas, até que chega o inverno, gelado e triste, annuncio da morte.

Meu pae e senhor, estou a vosso lado, ao lado de nossos irmãos no infortunio.

— Esther, minha Esther formosa, só me pesa no momento do sacrificio não ter a suprema consolação de te abençoar.

O coração opprime-se-me de dôr!

Tu, tão gentil e amada, que cinges uma corôa de rainha; tu, orgulho da nossa raça, na primavera da vida, quando ella ainda orna a tua fronte de flores e de mimos, sacrificada a morrer tão nova!

Não, filha, não!

Deixa-nos morrer a nós, os velhos: já viveram bastante, podem ir descansar.

As creanças, essas, nem pensarão no tormento; será para ellas a morte, como um raio, ferindo-as sem o presentirem.

Vive, filha, vive para o futuro. Guarda só no teu coração estes dias de lucto, e á memoria de teus irmãos consagra-lhes uma lagrima piedosa.

— Meu pae, como poderia eu viver tendo sempre presente esse spectaculo de sangue!

Tantas vidas immoladas, o sangue do nosso sangue n'um largo e sombrio mar.

Essas sombras andariam sempre em volta do meu espirito, perguntando-me:

— Esther, Esther, por que não acompanhastes os teus irmãos?

Como seriam amargos os meus dias de festas, que pesada me seria a corôa! As suas pedras preciosas convertiam-se em espinhos; o riso em lagrimas, os prazeres em dôres. Era a morte eterna com todo o seu cortejo do remorso.

A morte quem a teme!

A morte é um descanso para os desventurados, uma glorificação para os justos.

Viver de lagrimas e de saudades, não é viver, é sentir a alma presa a um patibulo; deluir-se, queimar-se n'uma sêde eterna que nunca se refrigera.

Abençoa-me, meu pae, talvez seja esta a derradeira vez de nos encontrarmos na terra.

E adeus, meu pae; até á hora do sacrificio.

E Mardocheu, abençoando a sua filha adoptiva partia do palacio do rei.

E chorava, apesar de ser homem, forte e crente como os da sua raça.

E' porque as lagrimas não véem da força; brotam do coração, e o coração é o cofre do sentimento. E ainda ha dôr ha sentimento, e as lagrimas são como o orvalho do ceu cahindo nas almas tristes.



## A avesinha do Calvario

(LENDA)

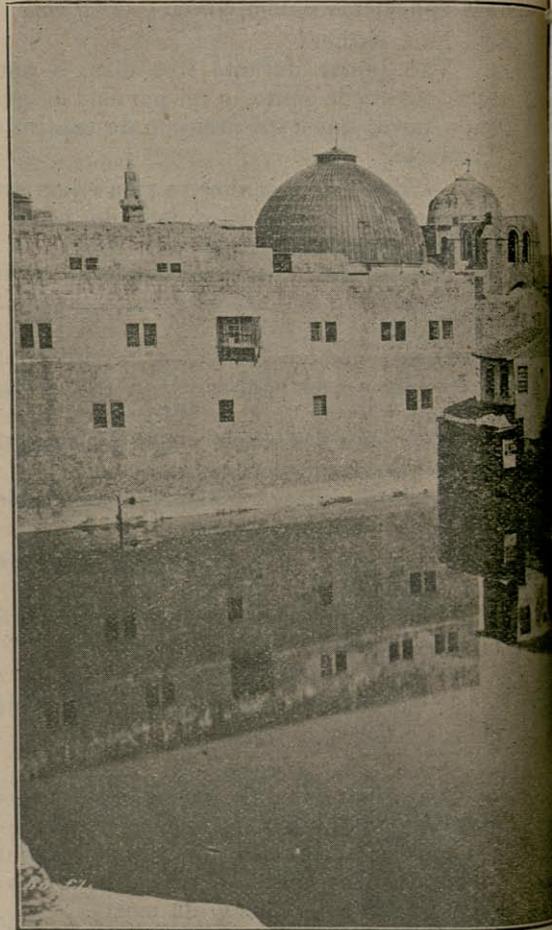
*Quando na cruz  
o bom Jesus  
sobre o Calvario  
agonisava,  
uma avesinha,*

só, coitadinha,  
 pairando tímida  
 esvoaçava.  
 E querendo a dôr  
 do Salvador  
 compadecida  
 suavisar,  
 ella palpita  
 e á cruz bemdita,  
 erguendo o vôo,  
 lá vae pousar.  
 Abre as azinhas  
 tão pequenitas,  
 estende o bico,  
 pipila e vôa,  
 e com carinho  
 tira um espinho  
 dos mais agudos  
 da sua corôa!  
 Então, contente,  
 tral-o pendente  
 e vem largal-o  
 junto a Maria,  
 a pobre Mãe  
 que de ninguém  
 tinha o conforto  
 N'esta agonia!  
 E novamente  
 torna a voar  
 e vae pousar  
 Na cruz bemdita.  
 Mas... coitadita!  
 quando o segundo  
 tenta arrancar,  
 n'aquelle esforço  
 assás profundo,  
 n'aquelle anceio  
 só de carinho.  
 o agudo espinho  
 rasga-lhe o seio!  
 E a pobre, afflicta,  
 treme, volita  
 e cae depois  
 banhada em sangue  
 aos pés da cruz,  
 ao mesmo tempo  
 que o bom Jesus,  
 suspenso d'ella,  
 pendia a fronte  
 e o sol brilhante  
 lá no horisonte,  
 escurecendo,  
 sumiu a luz!

P. NUNES TAVARES.

A illustração imprimiu aos seus sermões o cunho d'um suave rigorismo filho da verdade que se conhece e ama, e que uma vez conhecida tem de encarrear os homens no caminho apertado da virtude. Veja se a força de convicção, apoiada no bom senso, a torrente de conhecimentos sacros conduzida por longas experiencias do coração humano, com que o ardente apostolo robustece os seus apostolicos sermões.

Mas a illustração é apenas um auxiliar da santidade. Foi esta que aureolou a fronte d'este



FRANCISCANA DE

## BIBLIOGRAPHIA

Obras Oratorias de S. Leonardo de Porto Mauricio.

Mercê de Deus que começam a despontar nos horisontes da oratoria patria moldes perfectos de eloquencia sagrada.

O S. Leonardo, o famoso orador do seculo XVIII como lhe chamam por antonomasia os italianos, condensou as qualidades do verdadeiro prégador: foi sabio, foi santo, foi popular.

prégador typo d'uma auctoridade quasi infallivel com que doutrinou a Italia d'alto a baixo.

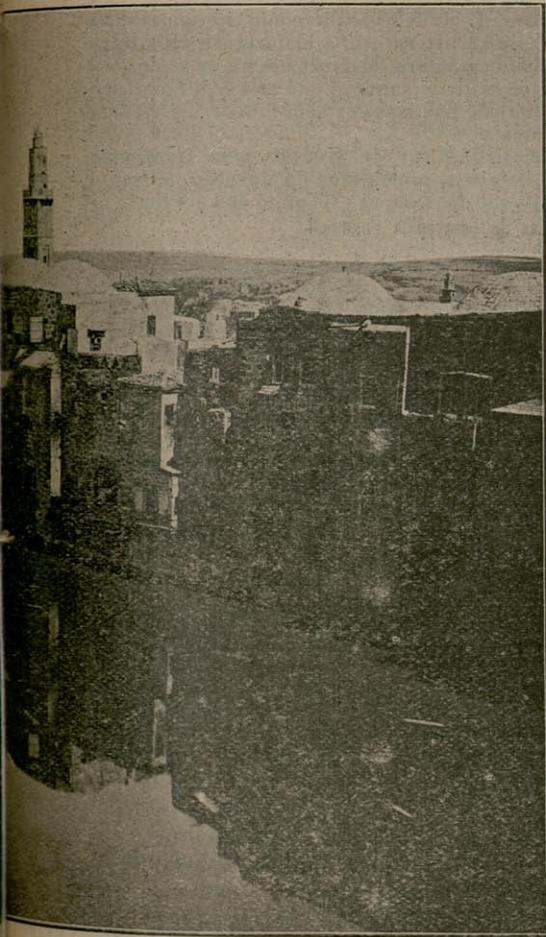
Depois da santidade e da illustração aquelle burel franciscano, que fez de Fernando de Boulons o maior Thaumaturgo, de Boaventura o Doutor Seraphico, de Scot o Doutor Subtil, de Solano o Xavier da America, — pode tambem fazer de Leonardo um assombro de popularidade que a imaginação italiana quasi divinizou.

Ainda hoje quando se entra no modesto Recesso de S. Boaventura em Roma, e se depara com

os celebres *proponimenti* pendentes d'uma das mãos do Santo, se nos afigura ouvir os accentos fortes e suaves, simples e magestosos da voz de S. Leonardo calando no coração do povo.

Quem quizer experimentar e não puder ir tão longe, abra *As Obras Oratorias de S. Leonardo* e forceje por lêr aquellas unguidas paginas com o espirito de piedade que as dictou e com a força da sabedoria que as ornamentou.

Leia e verá que S. Leonardo é um modelo acabado do orador apostolico. Bem o comprehen-



EM JERUSALEM

deu o *snr.* Dr. Miguel Ferreira d'Almeida que com surpresa para muitos (menos para nós) se abalançou ao trabalho de vulgarisar obras de muito merecimento e por isto talvez menos apreciadas.

Esta sabe regularmente em cadernetas e vae já a paginas 320.

Zephyrini Titelli Natali. — *Epitome Historico-Canonica Conciliorum generalium* — *Libreria Cattolica internazionale Desclée Lefebvre & Socii* — Roma Via Santa Chiara, 20-21.

N'este pequeno volume de 330 paginas, está descripta a historia dos 22 concilios geraes que se têm celebrado na Igreja, desde o celeberrimo e ruidoso concilio de Nicêa, o concilio do *homousion* ou da divindade de Christo, até ao não menos notavel e imponentissimo concilio do Vaticano, o concilio da infalibilidade do bispo de Roma; o concilio em que a revolução e a licença, mascaradas de liberalismo, soffreram a mais completa derrota moral de que ha memoria.

Em seguida á historia de cada concilio, traz a obra os canones decretados em cada um, com o commentario d'aquelles, cuja intelligencia possa offerecer difficuldades ao leitor menos attento, ou menos conhecedor dos usos e costumes primitivos e seculares da Igreja.

Como introdução do livro, o auctor teve o critério de fazer uma longa exposição doutrinal e juridica, sobre o concilio geral e particular, provincial e diocesano; sobre os assumptos a tratar em cada um d'elles; sobre as pessoas que a elles devem ou podem assistir e a ordem a guardar; sobre as leis decretadas pelo concilio e a obrigação de as observar; sobre todas as particularidades que devem revestir estas assembléas importantissimas, muito superiores ao parlamento politico de um paiz.

Se se cumprissem á risca as determinações da Igreja, a respeito do tempo e das circumstancias em que se deve convocar o concilio particular, provincial e diocesano, e houvesse menos respeito humanos n'essa observancia, não se veria o povo afastar-se das praticas religiosas nem tão ignorante, da doutrina catholica: haveria mais união entre o clero e o povo; não se assistiria de braços cruzados á paganização das solemnidades e do culto christão; não avançaria tanto a relaxação crescente e escandalosa dos bons costumes; não se escancarariam as portas aos livros e jornaes perversos ou hypocritas e immoraes; haveria mais fervor, e a coragem que procede da fé viva; e, sobretudo, não se veria, como tanta vez succede, na reunião, no ajuntamento, na conversa, no caminho de ferro e em mil outras circumstancias, sahir da bôca de tantos catholicos, sem obras a hydra tortuosa do mais refinado liberalismo, da heresia mais infame e da immoralidade desboçada.

Oh! se se convocasse de vez em quando um concilio provincial ou diocesano!...

Estamos convencidos que não haveria tantos catholicos pintados, nem a heresia, o protestantismo e a maçonaria campeariam assim, nem seriam tão audazes em uma nação que, só por ironia, se chama ainda fidelissima.

Juris canonici privati institutiones, quas in scholis Pontificii Seminarii Romani tradidit: *Carolus Lombardi* — *Romae* — *Desclée, Lefebvre & Socii*.

Mais uma obra de fundo, que deve estar n'uma estante d'um padre virtuoso e sabio. E' uma obra que podemos chamar optima em tudo: tres volumes de 500 paginas cada um, esmerada impressão em papel de luxo, latim correcto, mas accessivel a todos aquelles que não passaram pelo latim como gato por brazas. Acresce alem d'isto, que o methodo empregado pelo auctor na exposição é o mais logico possivel. A todos os pa-

dres que desejam conhecer os direitos da Igreja, qual a sua dependencia do estado civil, quaes os seus privilegios em relação com a sociedade : a todos os padres que vêm menosprezados esses direitos no nosso Portugal todos os dias, recomendamos esta obra.

O primeiro volume compõe-se de tres partes. A primeira trata das noções genericas da lei canonica. E' ahí explicada a noção do direito, a sua divisão, o seu fundamento, o modo como a lei canonica obriga, o modo como ella devia de obrigar. Depois o auctor trata das collecções dos canones, da sua origem, das suas especies, da sua auctoridade e uso.

Na segunda parte o auctor expõe os principios do direito canonico. No primeiro livro trata das pessoas, *de personis*, dos clerigos, dos regulares e dos leigos, expondo diffusa e claramente todas as suas attribuições e direitos.

O segundo volume trata de todas as cousas que pertencem ao culto divino, *de rebus* e tudo o que é dado ao homem para a sua sanctificação. Expõe bellamente o auctor n'este volume todos os sacramentos da Igreja, os sacramentos e a origem dos institutos pios ou seminarios. Depois mostra a origem dos beneficios ecclesiasticos, a sua instituição e as suas obrigações. Chamamos para este ponto a attenção do clero portuguez, porque vêm se todos os dias certos factos que estão em opposição manifesta com a doutrina do auctor que é a doutrina da Igreja.

No ultimo volume são expostas com a maior clareza as penas infligidas aos delictos ecclesiasticos ; de *delictis et poenis*. Como vêm, os leitores é uma obra de summa importancia para o clero e para todos aquelles que desejam conhecer, os direitos da Igreja nas suas relações com a sociedade civil. Por ultimo, só temos a agradecer ao editor, a amabilidade com que se dignou honrar-nos, offerecendo á nossa redacção esta obra tão importante.

Manual Breve das Filhas de Maria sob o *Petrocinio da Virgem Immaculada e de Santa Ignez Virgem e Martyr compilado pelo muito Reverendo Abade D. Alberto Passeri Vigario Geral dos Conegos Regulares Lateranenses e traduzido da XVII edição italiana pelo Presbytero José Gonçalves Gasção com approvação ecclesiastica. — Povoá de Varzim, Livraria Povoense — Editora de José Pereira de Castro.*

Os leitores lembram-se da *Alma aos Pés de Maria*, do *Mez das Dôres*, da *Alma aos Pés de S. José*, da *Santa Lydwina*, d'estas e d'outras primosas obras dadas a lume na Povoá pela livraria editora de José Pereira de Castro ?

Pois esta é bem um complemento de todas as outras, e, quer pelos fins a que se destina, quer pela barateza do preço, não é menos recommendavel.

N'estas 150 paginas expõe-se : origem e progresso da Pia União das filhas de Maria, fim e vantagens da mesma, summario das indulgencias e privilegios, Estatutos da Pia União, Ritual da Pia União Primaria, Regras de vida, praticas pie-

dosas para uma filha de Maria, canticos e orações para a confissão etc.

Tudo muito presumido, muito claro e muito methodico.

Le Pain de Saint Antoine, *Excellence et Fruits de cette Œuvre, un mot de reponse a certaines attaques, por L. de Kerval, Rome, 12, Via Giusti, etc.*

Em 93 paginas não se podia dizer mais nem melhor sobre a Grandiosa obra de Santo Antonio, a sua legitimidade e transcendencia.

O snr. L. de Kerval tão conhecido pelas suas obras sobre a litteratura, a historia e a vida franciscanas, vem agora desfazer em pó os sophismas de certos criticos sandeus que só vêm fanatismo e superstição nas manifestações mais lidimas da fé catholica.

Bem haja o snr. de Kerval pela lembrança e bem hajam os promotores da devoção a Santo Antonio que taes pennas têm ao seu serviço.

Atlas de Geographia Universal.

Temos presente o fasciulo 31.º d'esta primorosa publicação, que, pela sua utilidade e inexcusavel execução artistica, tão bom acolhimento tem tido por parte do publico que deseja instruir-se.

O fasciulo a que nos referimos occupa-se da America Central e Antilhas, da qual insere um soberbo mappa a côres. Acompanham tambem a parte descripta d'este paiz as seguintes gravuras :

O Rio Usumacinta (Guatemala) ; Paisagem da ilha de Cuba ; Vista geral de Havana (Cuba) ; Cathedral de Havana ; Vista do cabo Haitiano (Haiti) ; Costas da Jamaica.

Continua a assignar-se esta util publicação na empreza editora do Atlas de Geographia Universal, rua da Boa Vista, 62, 1.º, Lisboa, e em todos os seus agentes das provincias.



## As nossas illustrações

### I — USOS E TRAJES MADEIRENSES. —

A gravura que reproduzimos é copia d'uma photographia de dois villões ou camponezes que vivem ainda na ilha da Madeira.

Pouco ha ainda, as mulheres das aldeias (villôas) vestiam exactamente como a que apresenta a gravura. No alto da cabeça uma carapuça de panno azul, furrada por dentro de baêta encarnada, de fôrma cónica e ponteaduda á maneira de funil.

Sobre os hombros uma capinha redonda á laia de romeira, de côr vermelha adebruada de azul, ou de côr azul adebruada tambem com fita azul, e em toda a roda á altura dos hombros com grandes recôrtes de mesmo panno e adebroados com fita verde.

Fôra da igreja e d'outros logares de respeito, punham esta capinha pendente do hombro esquerdo, e passando uma estremi-

dade por baixo do braço direito prendiam a outra extremidade na cinta, deixando assim ver a alva camisa de linho, abotoada com botões d'ouro, e com numerosas pré-gas caindo sobre as bórdas d'um collete de varias côres em bordado e de feitio muito original.

As saias de lã com listas de côres d'alto a baixo, um tanto curtas, deixavam ver as bótas brancas de pelle de cabra adebroadas na extremidade dos canos, com carneira encarnada.

Do villão já não é facil obter-se photographia; sabe-se comtudo que usava na cabeça carapuça igual á da mulher; jaquêta curta de panno azul, largas bandas apertadas na cinta; collete de panno azul ou de sêda encarnada com botões de vidro de diversas côres; camisa com altos collarinhos voltados para baixo e arroxados na garganta com dois grandes botões d'ouro ligados um ao outro com cadeia do mesmo metal; calça de linho branco, de panno azul, ou de lã amarella, caindo em fórma de largo calção ou enêca sobre a bota branca igual á da mulher. Hoje existem apenas vestigios destes trajes tam pittorescos e originaes.

Na freguezia do Estreito da Calhêta quazi todas as mulheres uzam ainda a capinha encarnada; na Ponta de Sol uzam a capinha azul com recórtés nos hombros, e a saia de panno cazeiro com listas d'alto a baixo de côres muito garridas.

Em toda a ilha é uzada a *bota branca* de pelle de cabra com palmilha apenas; em vez de carapuça uzam os homens uns barrêtes de lã, feitos com agulha de meia.

Estes barrêtes não deixam de ter tambem a sua originalidade. Em certas freguezias quasi imitam o solidéo episcopal; n'outras enterram na cabeça até cobrir as orelhas e deixam cahir uns apendices em fórma de triangulo agudo que, ou se unem por baixo do queixo, ou abotoam na borla, fazendo no primeiro caso lembrar as antigas viseiras; n'outras finalmente arremedam os gôrros saloios, conservando porém a reminiscencia da antiga carapuça, agussando d'esde a ponta do cabello até que acabam na grossura d'uma grande borla. Tambem se encontram barrêtes arabes, e são muito frequentes os chapéus de palha.

As mulheres adoptaram o lenço de linho branco, muitas vezes com renda em volta; o chaile pelos hombros, e os vesti-

dos e saias de chita ou panno, conforme a qualidade e meios. Isto porém fóra da cidade, porque no Funchal, devido a causas que seria longo historiar, não só as costureiras vestem pelos figurinos do ultimo numero da «Moda Illustrada», e as creadas não dispensam um enorme feixe de plumas e flôres na cabeça, mas até as pedintes, com factos que já se fartaram de bailar nas soirés funchalenses, ostentam *galantes casquettes* no toutiço.

P. M.



## Chronica universal

ROMA

**Um ancião sublime.** — Com este titulo, M. Jules Bois, litterato e sabio, conhecido pelos seus estudos psychicos e pelos seus trabalhos sobre o budismo, embora a sua ortodoxia deixe não poucas vezes muito a desejar, descreve nitidamente em o *Le Gaulois* uma audiência que teve com o Santo Padre.

Com summo gosto apresentamos hoje aos leitores da *Voz*, alguns paragraphos em que o auctor parece descrever todas a impressões que teve n'essa entrevista.

«Com voz commovida, diz elle, fallei em primeiro logar, dizendo que não era apenas uma vã curiosidade que me trazia junto d'Elle; mas sim, que o exemplo de sabedoria que o Santo Padre dava ao mundo, assemilhava-se a um iman que arrastava irresistivelmente minha inquieta juventude até junto d'aquella estabilidade.

A cabeça tranquilla de Leão XIII fez um movimento de approvação. Meus olhos cravaram-se extasiados n'aquelle rosto de cera, encerrado em a neve abundante dos seus cabellos separados por o *zuccheto* que faz mais espaçosa a sua elevada fronte.

Uma finura encantadora se descobre em suas linhas, e entrelaçada com a magestade dos seus olhos faz nos sentir que estamos dcante do maior potentado do mundo.

A curva potente do nariz, o arco quasi violeta dos seus labios affirmam esses caracteres de supremacia que chamejam em seus olhos.

Nenhum dos seus innumeraveis retratos que estão espalhados pelos ambitos do mundo, podem dar uma ideia exacta da sua phisionomia, onde a alma reverbera com todos os esplendores.

Alli está o genio visivel em certo modo, e a energia que é a aureola occulta d'essa fronte está temperada por uma serenidade que vem do immutavel.

— Havemos tido um verdadeiro prazer em cooperar para a vossa salvação. Tendes, pois, lido as nossas Encyclicas?

— Sim, Santo Padre; porque ellas ensinam-

nos não sómente a ser christãos, mas tambem a ser cidadãos.

A mão direita do Santo Padre fez um movimento gracioso e elle levantou a voz e disse :

— E quaes são as Encyclicas que mais vos agradaram ?

— Eu estudei, Santo Padre, com grande attenção, em primeiro logar a *De operariis*.

— Muito bem ; e depois ?

— Uma das ultimas Encyclicas, a do Americanismo me captivou muito.

— Porquê ?

— Porque alli se admira ao mesmo tempo a liberdade, a vastidão de conhecimentos de Vossa Santidade e a firmeza da doutrina.

N'este ponto parece que tocou na corda sensível. O Papa pareceu commover-se até ás suas intimas fibras.

Arrastado por esse alento superior que de ordinario percorre os seus delicados nervos, parece que não pôde descançar em seu throno.

— Sim, dizeis bem, a Igreja é muito vasta quando se tracta da disciplina, da politica e dos actos exteriores. Não se oppõe a nenhum progresso, é amiga da sciencia.

Tem sabido adoptar-se a todos os paizes e a todos os seculos ; porém o que constitue a sua força é um fundo, uma base immutavel, que não pôde tocar-se de maneira alguma. E depois ?

— Li tambem, Santo Padre, a Encyclica sobre a França... Aqui fui interrompido por Leão XIII, com a vivacidade da sua resposta. A's vezes tem elle esta vivacidade nas respostas que se admira n'um ancião ; é uma facilidade para vibrar, sentir, corresponder que é usada pelos jovens e que transparece n'elle, como se o fosse.

— Ah ! a França. . . ! *Gallorum gens* . . .

A voz do Papa n'este ponto foi mais solemne e commovida e com toda essa graça da accentuação italiana, como uma saudação e uma homenagem ás primeiras palavras latinas do Breve.

Depois com uma lamentavel melancolia seguiu :

— Porém alli ainda não nos comprehendiram... nós estamos inquietos pelo futuro da França. E como lastimando a minha patria acrescentou :

— Oh ! sahirá victoriosa d'esta terrivel crise ; porém ella tanto se abysina na perseguição religiosa ! O atheismo e a franc-maçonaria a extraviaram.

Houve alguns momentos de silencio ; eu esperava respeitosa e com uma continuação das reflexões do Pontifice, quando este variou de objecto.

— Já faz vinte e seis annos que habito n'este palacio em que me vêdes.

— E nós esperamos vêr-vos por largo tempo n'elle para bem de toda a Igreja.

Porém o Papa tinha sua ideia, não me attendeu e proseguiu :

— Nós estamos prisioneiros n'este palacio. Estamos expostos ao escarneo d'um governo que nos é contrario. soffremos uma dominação que nos é hostil ; a imprensa critica todos os nossos actos ; não podemos fazer um gesto, pronunciar uma palavra sem ser o objecto de comentarios malevolos.

Pouco a pouco a voz se tornou mais forte e a ensinação mais rapida.

— Eu tenho o direito de ser livre. Eu devo ser independente, porque nos tiraram o que era nosso... e além d'isso Roma é do Papa. De novo baixou a voz e disse me em tom paternal :

Acabae de chegar a Roma ha pouco tempo, não é verdade ?

— Sim, Santo Padre, venho de Paris, onde descancei depois d'uma grande viagem ao Oriente. Eu admirei na India os progressos do catholicismo.

— Com effeito nós temos estabelecido na Asia a jerarchia ecclesiastica. Porque foste viajar tão longe ?

— Queria com meus proprios olhos, observar os resultados sociaes e a efficacia religiosa do Brahmanismo e Budismo, em os quaes tinha crido e cujo espirito procurava fazer entrar na Europa christã.

— Investiguei que o espirito de sacrificio é o amor aos desgraçados que são os sentimentos mais elevados da humanidade e o caracter especial do christianismo não existiam n'aquelles povos ; são degenerados, egoistas, suas religiões conduzem ás superstições mais grosseiras e a sua philosophia ao nihilismo e á desesperação.

— Isso é muito natural, respondeu o Santo Padre ; esses povos são idolatras, não receberam directamente a verdade. Nós temos atraz de nós vinte seculos de christianismo. O nosso Deus foi revelado por Jesus Christo».

Foi uma conferencia particular com um sabio ; mas, mesmo n'esta conferencia, Leão XIII manifestou o grande interesse que toma por toda a sociedade christã e muito principalmente pela republica franceza que tão mal tem sabido corresponder aos beneficios do Santo Padre.

Em todas as palavras do Summo Pontifice que acabamos de mencionar, apparece claramente a lucidez da sua intelligencia prescrutando o futuro tenebroso da Europa decadente.

**Ação catholica em Roma.** — Festa encantadora na cidade eterna. — Todos sabem que o Papa prohibiu aos catholicos italianos de entrarem nas luctas eleitoraes ; porém, isso refere-se sómente ás eleições politicas e não ás administrativas, nas quaes podem e devem tomar parte preponderante os catholicos segundo as regras e instrucções da Santa Sé.

N'ellas pois se conhecem as forças dos catholicos e liberaes italianos, e ainda que muitas illegalidades e pressões se commettam por toda a parte contra os catholicos, elles não temem, mas entram sempre na lucta ; e em muitas comarcas obtêm grandes triumphos sobre seus adversarios que são os inimigos da Igreja e de todo o pontificado romano.

Especialmente em Roma, são de grande interesse essas luctas, o que se comprehende facilmente porque os elementos sectarios querem tornar Roma cada vez mais liberalisada e afastar portanto os fieis do romano pontifice, das suas doutrinas e dos seus ensinamentos. Os catholicos por sua parte, ainda que luctando ha 32 annos em condições pouco favoraveis d'um partido que milita contra o que domina nas regiões officiaes, defendem valorosamente o seu campo e as suas posições, não se deixando intimidar nem por ameaças nem por promessas. Porém, algumas vezes

succede que perdem alguns postos provinciaes ou municipaes, não sendo isso cousa que os desanime, porque nas eleições seguintes ganham o duplicado do que tinham perdido, não deixando nunca sem representação as corporações populares.

Isto mesmo foi o que succedeu nas ultimas eleições em que os catholicos perderam dois postos de conselheiros provinciaes; porém em paga, alcançaram o triumpho de 17 candidatos que se haviam apresentado para as vacantes dos conselheiros municipaes, devendo-se notar que entre os candidatos liberaes derrotados figura nada menos que o mestre da maçonaria italiana, Ernesto Nathan, em quem se accumularam todos os votos por esforço das lojas, que apresentavam além d'isso outros 14 candidatos mações para converter a municipalidade de Roma n'um supremo senado maçonico, para que declarasse guerra a todos os actos publicos do culto catholico e para secularisarem todo o ensinamento primario, arrastando para fóra das escolas a Jesus Christo, tornando-as um fóco de immoralidade.

Este plano degradante dos inimigos da Egreja foi deitado por terra, graças á decisão dos catholicos, os quaes, assimilando-se a um esquadro invencivel, e seguindo a palavra inspirada do sapientissimo Leão XIII, correram á urna votando nos candidatos catholicos, salvando d'este modo a cidade de Roma do grande perigo que a ameaçava.

Quando se fará em Portugal outro tanto?...

— No dia 8 do corrente celebrou-se em Roma um acto extremamente commovedor, e no qual se patenteia a caridade inexgotavel de Sua Santidade Leão XIII.

O Augusto representante de Jesus Christo, querendo que os indigentes tivessem uma parte nas suas festas jubilaires que actualmente se celebram em Roma, mandou que se desse um banquete a 20:000 pobres da cidade eterna, o que se verificou dentro do Vaticano. O banquete foi presidido pelo cardinal Respighi sendo acompanhado por muitos prelados e altos dignatarios da côrte pontificia. A magnifica banda da guarda suissa, uma das primeiras entre todas as do mundo, engrandeceu este acto solemnissimo interpretando com a sua grande maestria, inspiradissimas composições dos mais illustres auctores italianos. Todos os pobres que assistiram ao banquete comeram abundantemente sendo servidos com toda a attenção e delicadeza.

Terminado que foi o banquete, deu-se a cada um d'elles um cêsto cheio de viandas de todos os generos para que os seus parentes e amigos participassem d'este grandioso festim.

Pela tarde verificou-se no pateo de Belvedere, do Vaticano, a recepção geral de todas as sociedades catholicas de Roma compostas com mais de trinta e cinco mil pessoas que desfilaram ante o soberano Pontifice, que as abençoou; sendo a admiração de todos o vigor physico de nonogenario pontifice, vigor que se mostrava nos movimentos do augusto ancião e no timbre da sua voz, quando pronunciou as palavras que acompanharam a bênção papal.

**Movimento diplomatico da Santa Sé. Viagem do rei de Italia.** — Consta em Roma que Monsenhor Macchi está designado para a nunciatura de Munich.

Monsenhor Locatelli, actualmente addido ao secretariado dos negocios ecclesiasticos extraordinarios, será enviado como internuncio a Haya. Recordam-se ainda os leitores das circumstancias em que o chorado Monsenhor Tarnassi deixara Haya. Quando foi da Hollanda quiz convidar a Santa Sé a enviar ali o seu representante como ás outras potencias. A Italia, á força de intrigas, conseguiu impedir este convite. Não convinha ao Vaticano conservar em Haya um representante cuja posição moral fosse inferior ao das outras potencias. Monsenhor Tarnassi voltou para Roma sem que todavia se interrompessem as relações amigaveis entre a Hollanda e a Santa Sé.

O novo internuncio entrara em Haya em condições taes que a dignidade moral da Santa Sé será plenamente salvaguardada.

— O rei de Italia realizou uma viagem através da Europa com o fim de visitar os soberanos amigos. Tem sido muito commentada esta régia viagem porque Victor Manuel não visitou o seu fiel alliado, o imperador da Austria Francisco José, como tambem o primeiro a ser visitado foi o czar da Russia, e não o imperador da Allemanha.

Dizem que Victor Manuel não visitou Francisco José imperador da Austria, porque este tem negado muitas vezes a sua visita a Roma por causa de não o offender as susceptibilidades do Vaticano. O que haja de verdade n'esta explicação não o sabemos; o que mostra é que não obstante a renovação da triplice alliança, continuam a ser bastantes tensas as relações das tres familias reaes das tres nações cujas chancellarias acabam de firmar um pacto diplomatico.

Os de Berlim por sua parte quando souberam que não eram os primeiros a serem visitados ficaram desgostosos.

O imperador Guilherme inventou uma explicação para tranquilisar os seus subditos; mas essa explicação está bem longe de ser satisfatoria porque depois de uma renovação tão solemne deviam ser os primeiros visitados. Seja como fór; o que demonstra esta viagem no modo extensivo, é o caracter pacifico da triplice alliança e não nenhum odio á Italia ou á alliança franco-russa.

## PORTUGAL

**Echos da politica. — Partidos. — Crises.** — D'esta vez não posso dar aos leitores noticias do movimento politico, porque estão em férias os seus gerentes. Foi uma debandada completa para as thermas, praias, etc.; só o sr. Hintze é que ficou em Lisboa porque aquella maldita *senhora politica* não lhe deu licença que se raspasse para fóra de Portugal, e assim mau grado seu o sr. presidente de ministros teve de ficar em Algés a respirar os ares da cidade de marmore e granito.

Oxalá que esses ares lhe dêem saude á alma e ao corpo, e que infiltre uma pouca de vitalidade no seu partido cambalido senão, segundo rezam os oraculos mais proximos do Olympo, a sua caraquejola virá a terra em outubro. Eu aguardo com uma grande anciedade o cumprimento d'essa prophacia bandarrica, não porque queira rezar o *de profundis* ao partido regenerador, mas sim porque ha-de ser bonito vê-lo cahir ao tom do zabumba feito com as pelles das sóbas de Bailundo.

Porém isso ainda vem tarde; e pôde ser até

que os ventos mudem e que em vez de *tum cata-pum* da muzica do Zé Pereira, tenhamos de ouvir os bellos *funçagás* das bandas regimentaes annunciando a chegada d'algum heroe de Bailundo. Aguardemos com paciencia os acontecimentos porque sem ser propheta nem filho de propheta, parece que coisa grande está para acontecer cá n'esta bella terra á beira-már plantada...

Como o lisboêta gosta de coisas de sensação, e como o calor abafadiço da capital fizesse metter dentro de casa ou afastar para longe os *valientes* da navalha de ponta e mola, não havendo factos reaes que fossem capazes de encher pagina e meia de chronica humoristica e interessante que excitasse o seu appetite, os reporters d'alguns jornaes inventaram noticias interessantissimas de entrevistas com principes e personagens estrangeiros. E a gatinha de Lisboa bebe essa série de patranhas com a maior alegria do mundo.

E' uma nova maluqueira do jornalista: inventam-se entrevistas e até com o Dr. Leyds, com o imperador da China e até com os habitantes da Lua. Valha me Deus, já estão tantos em Rilhafolles!...

Porque não se ha-de o lisboêta contentar com o tan-tan monotono dos sons *electricos* n'este tempo em que escasseiam os factos extraordinarios?... Será moda?!...

— Quem observar com attenção para o movimento da politica portugueza, verá que já não existe n'ella nenhum partido; os partidos esfacelaram-se, desfizeram-se e em breve veremos em Portugal uma transformação politica em tudo opposta aos partidos da rotação.

Os partidos nasceram em Portugal com o advento da Carta Constitucional. A carta não podia subsistir sem dois grupos que mantivessem o equilibrio politico; portanto a opposição foi o grande fundamento do novo regimen. Mas como para esses partidos começaram a entrar logo desde o principio individuos que só tinham em vista o interesse pessoal e não o bem do paiz, os dois partidos transformam-se em entidades perigosas.

Actualmente os dois grupos assemelham-se aos individuos que vão comer a uma casa de pasto; uns estão á meza muito descansados comendo á sua vontade, enquanto que os outros protestam energeticamente que andem depressa porque tambem querem partilhar do festim. E todo esse degladiar de opiniões na imprensa, nos clubs, nos cafés e nas camaras é só para isto. Que Deus dê mais juizo áquelles que nos regem, ou então que nos dê outro governo, porque somos dignos de melhor sorte.

— Começa a patentear-se em plena luz a enorme crise que nos assoberba por todos os lados, e que não é subjugada por nenhum trabalho nem por nenhum esforço.

O operario está opprimido debaixo d'uma miseria horrivel no nosso Portugal. Sofre por toda a parte e por tudo. Todos os dias vemos centenas de operarios sahirem das fabricas para estenderem a mão á caridade publica. Mas o peor é que não vemos nenhum remedio eficaz que se opponha a esta derrocada certa e universal. Caminhamos para o abysmo e não temos um salvador.

A classe burgueza tambem soffre, porque o commercio está parelyzado, e esse mal reflecte-se no pobre operario. As ruinas da industria já

produziram a grêve forçada dos corticeiros, uma das numerosas classes proletarias do paiz, que emprega para cima de 20:000 homens.

Em todo o norte do paiz as fabricas de tecidos não se sustentam, tendo de despedir os operarios tecelões que para ahí andam a mendigar, sujeitos a todos os horrores da miseria.

Porém não são estes somente os que soffrem. Os trabalhadores ruraes, os pescadores, os trabalhadores mechanicos etc., soffrem tambem os terribes efeitos da crise geral.

Nada se tem feito por assim dizer, para debellar esta terrifica situação. Para que todos os operarios não fiquem sem trabalho e sem pão mandam se construir aqui e allí algumas obras sem utilidade publica.

Mas isso não é capaz de resolver o problema, porque a miseria fica na mesma e o operario só espera o dia de amanhã para se entregar outra vez nos braços da fome.

Dê-se livre expansão ao commercio; liberte-se dos pezadissimos onus que o sobrecarregam e a miseria começará a desaparecer. Mas já emquanto é tempo, porque o amanhã pode já, ser tarde. Não esperemos mais tempo, porque pode ser que a paciencia não dure tanto, e tenhamos a lamentar as desgraças que ainda ha muito pouco tempo se deram na Belgica e em Barcelona.

Trabalhe-se com esforço e perseverança porque o mal ainda não é incuravel.

**Instrucção Popular. — Ainda o Convenio. — Revoltas na Africa.** — O *Diario* publicou o regulamento da nova lei sobre a instrucção primaria, que já ha muito tempo estava sendo elaborado na direcção geral da instrucção publica.

Vê-se pela leitura d'esse documento, que a instrucção primaria é obrigatoria, de tal maneira que os transgressores da nova lei ficam sujeitos a penalidades.

Como, em todas as leis humanas, ha coisas muito boas, e algumas más. Por exemplo, prescreve-se o ensino obrigatorio para todos, com uma fiscalisação conscienciosa, mandam-se arranjar edificios hygienicos etc. etc.; tudo isso é muito bom, porque o analfabetismo entre nós tinha proporções espantosas, e porque muitos dos edificios escolares de Portugal, eram mais enxovias nauseabundas, do que casas adequadas á educação. Por outro lado ha pontos que deviam soffrer alterações para se ver isempto de alguns defeitos esse regulamento, como é o quasi golpe de morte que vibra no ensino livre. Havia muitos abusos n'este ponto é verdade, mas não se devia extinguir tão radicalmente. Além d'isso, este novo regulamento não justifica a creação d'essa phalange de inspectores e sub-inspectores que inundou Portugal.

Se o regulamento fosse cumprido, alguma coisa se fazia, porém acho grandes difficuldades da parte dos habitantes do campo, que dia a dia luctam com mais difficuldades em mandar seus filhos á escola, pois necessitam de seus pequenos braços para os trabalhos ruraes e não têm dinheiro sufficiente para comprar as mil e uma bugiganças que se necessitam para apprender as primeiras lettras. Oxalá que este novo regulamento, não seja como muitos outros votado ao esquecimento.

— O *Convenio* já foi effectuado com os credores estrangeiros.

As condições foram todas acceitas com satisfação, porque eram realmente vantajosas para todos os interessados. E' devéras interessante um telegramma que um jornal da capital recebeu, e publicou em grosso nornando, no qual se dá conta do que se passou na ultima reunião dos credores francezes. Como é sabido, essa reunião tinha grande importancia, porque o *comité* francez é o mais importante dos *comités* estrangeiros. A titulo de curiosidade ahí vae o tal telegramma:

«A assemblêa dos portadores de titulos portuguezes approvou unanimemente, com excepção de dois ou trez individuos, representando apenas duzentas Lb., a conversão. Havia umas mil pessoas na sala, tendo Jean Garié declarado que as adhesões eram doze mil, e que o capital representado alli excedia trezentos milhões de francos. O representante de Reillac quiz fallar sobre o emprestimo de D. Miguel, mas a palavra foi-lhe retirada por o assumpto ser estranho á reunião. Não houve uma palavra desagradavel para Portugal.

Foi mandado que Garié fique encarregado da liquidação de todos os negocios do *comité* que se dissolverá.»

Não ha duvida, é um ceu aberto para Portugal; para a frente e não temer.....

— Temos o convenio em cima das costas, temos a crise por toda a parte, temos fiscaes do sello, sub-inspectores e toda a tropa fandanga que come á custa do contribuinte, e para cumulo de desgraças temos ainda uma nova revolta na Africa Occidental do gentio contra o nosso dominio.

Ao principio fez-se pouco caso do boato que corria de que uma parte da nossa Africa Occidental estava sublevada, e de que era necessario subjugar com toda a promptidão essa revolta do indigena. Correu até pelas folhas, que a expedição militar só tinha em vista fazer heroes de Bailundo sem queimar uma escorva.

Porém a darmos fé ás ultimas noticias recebidas da Africa, a revolta alastrou-se por toda a região do interior de Benguela ameaçando tambem o littoral.

O gentio tem assassinado muitos habitantes; e os proprios brancos correm grandes riscos de perderem todas as suas riquezas e mesmo as proprias vidas.

Nunca estamos descansados na Africa; é hoje, é amanhã, são todos os dias rebeldias da parte indigena, e a causa?

Toda a responsabilidade está na nossa má administração colonial.

Publicam-se decretos e mais decretos sobre o fumento agricola nas nossas colonias; são portarias e mais portarias. Mas de que serve tudo isso, se mandam para as colonias funcionarios que não sabem cumprilos?

Para lá vae toda a escoria dos empregados publicos, que sobrecarregam o pobre preto com encargos superiores ás suas forças. Tyrannizam-se por todos os modos e com tanta brutalidade que fazem exasperar a sua paciencia. D'ahi essas rebeldias continuas, esse despender de dinheiro em expedições militares, esse sacrificio de vidas que bem se podiam escusar. E tudo isto por causa da má cabeça dos nossos governantes.

— Agora alguns jornaes já começam a negar importancia á revolta de Angola, attribuindo as noticias terroristas a negociantes do interior, que pretendiam esquivar-se a saldar os seus compromissos.

Se assim fôr, lá se vão uns poucos de contos com uma expedição sem proveito nenhum. Mas antes isto que as provavelidades d'uma guerra prolongada.

**Abusos da imprensa.** — Movimento do operariado catholico em Portugal. — O Centro Nacional. — Travou-se uma feroz campanha entre os dois periodicos da capital, *Seculo* e *Imparcial*. Os dois jornaes serviram-se de todas as armas para se calumniarem mutuamente.

Os epithetos mais grosseiros enchiam columnas e columnas e podiamos dizer até paginas. Até onde podia chegar o rebaixamento do jornalismo n'este paiz!...

Tudo isto mostra que o ambiente moral da sociedade portugueza está saturado de miasmas delecterios. Os jornaes têm sido a causa de todos esses males com os seus abusos. E' a imprensa que impelle as almas para o caminho das paixões desornadas pelos seus artigos immoraes. Que isto é verdade mostra-o a actual campanha do *Seculo* e *Imparcial*.

Mas porque não se cohibem estes escandalos repetidos todos os dias, quando elles estão prohibidos por leis rigorosas? Appliquem se essas leis para não vermos mais espectaculos tão repugnantés.

— Parece raizar para o operariado portuguez um novo dia de regeneração sccial. Quando ainda ha poucos annos se fallava no operariado catholico, fazia-se isso ás occultas temendo que o nome de *operario catholico* fosse olhado com más intenções. Hoje porem não succede outro tanto. O operario, já não tem vergonha de confessar as suas crenças publicamente.

Realmente caminhamos para dias mais felizes. Os Circulos Catholicos esses nucleos onde se reúnem os filhos do trabalho, têm-se formado em varias partes com uma força vigorosa. A sua acção social é bem patente a todo o Portugal.

Como meio mais efficaz para fazer confraternizar esses Centros têm-se promovido excursões a varias cidades, sendo maior a ultima que fizeram os operarios dos Circulos do Porto, Braga, Vianna e Arcos do Val de Vez a Tuy.

Foi uma excursão cheia de entusiasmo, de alegria e de amor, porque nesse dia os filhos do trabalho mostraram que tinham um só coração unido pela caridade de Jesus Christo.

As nossas felicitações aos aguerridos directores dos Circulos Catholicos e aos seus operarios christãos.

— Os Centros Nacionaes continuam a formar-se e engrandecer-se com grande vitalidade. As commissões executivas não têm descansado nos seus trabalhos.

Para a frente enquanto é tempo; é um dever sagrado pugnar com todas as forças pela Patria e por Deus. Coragem e confiança, eis as duas virtudes que devem ter os nacionalistas na hora presente para não abandonarem o caminho enetado. Avante com confiança!

## HESPAHHA

Decreto sobre o ensino particular, — Pérez Galdós. — A gréve dos lavradores de Jerez — Canalejas. — O governo hespanhol já publicou o tal decreto sobre o ensino particular. Como era de esperar esse decreto viza a tirar ás congregações religiosas o ensino. Foi uma medida do governo para oppôr á propaganda de Canalejas um dique jacobino, mostrando que era mais liberal do que o inquieto *dissidente judeu errante*; ou melhor, arrancando lhe a bandeira jacobina das mãos e mostrando-a aos amigos dos tres pontinhos, para que deslustrados por ella, não podessem chamar ao governo hespanhol reaccionario.

D'hoje para o futuro o governo hespanhol tem direito a metter o nariz em todos os estabelecimentos de ensino das Congregações religiosas, para ver se elles estão conformes os preceitos da hygiene e as mil e umas lérias inventadas por essa camaradagem do *amental*. Alem d'isso o governo mandou que só podiam presidir a esses estabelecimentos professores com os titulos academicos de licenciados em Philosophia, Sciencias e Lettras; isto é: um novo golpe de morte na maldita liberdade de ensino, descarregado como todos os anteriores em nome da liberdade e por um governo que se chama liberalissimo, e um vexame immoral contra as Instituições religiosas.

—D. Benito Pérez Galdós, o celebre novellista sectario que ha tantos annos vem combatendo systematicamente tudo o que é religioso, e que com o seu celebre drama a *Electra* tanto contribuiu para a presente agitação revolucionaria na Hespanha, acaba de alcançar a grã cruz de Affonso XII, recentemente creada. Vê se que na Hespanha como em Portugal para se alcançarem commendas e grã-cruzes, em primeiro lugar é necessario ser um refinado marióla... Que lhe havemos de fazer! é o que diz um velhote que eu conheço, que o mundo anda ás avéssas.

— Levantou-se uma gréve nos agricultores de Jerez, que parecia tomar proporções aterradoras, mas felizmente tudo serenou, mediante um contracto feito entre os operarios e patrões d'aquella cidade. Ambas as partes cederam alguma coisa dos seus direitos e pretensões, submettendo-se á arbitragem da auctoridade municipal. Com razão fez notar um periodico catholico hespanhol, que este procedimento é recommendado por Sua Santidade Leão XIII para dar solução aos problemas sociaes.

— Canalejas tem percorrido varias cidades de Hespanha na sua campanha anti-religiosa.

Ultimamente foi a Burgos, para pronunciar alguns discursos de propaganda jacobina, mas como não achasse a atmospheria muito propicia, cabisbaixo e de beija cahida voltou para Madrid.

Porém, segundo dizem, em breve começa a sua campanha pelas provincias do norte; reservando para o outomno as provincias meridionaes. Ao que parece todos os planos do ex-ministro radical sahem gorados, porque todos o olham agora sómente como um agitador a mais, e não como um salvador da patria, como elle promettia nos seus primeiros discursos.

## FRANÇA

O ex-seminarista Combes persegue as ordens religiosas. — Combes é o actual presidente do conselho da França, e herdou do seu antecessor Waldeck — Rousseau todo o furor satânico contra as congregações religiosas. Antes e depois de subir ao poder disse que as perseguiria por todos os meios; e assim o fez, encerrando já um grande numero de estabelecimentos religiosos.

Muitos deputados francezes propõem interpellar o governo ácerca d'este abuso da liberdade.

O deputado francez Denys Cochin fez a um jornalista as seguintes declarações:

«E' triste que isto succeda no momento em que todos os esforços deviam encaminhar-se para levar a paz e a tranquillidade aos animos. E' illegalissimo proceder ao encerramento de estabelecimentos dirigidos por religiosos, seja qual fôr a Ordem a que pertençam.

A lei de 1885 sobre as associações religiosas dizia que prohibia a criação dos que fossem proprietarios de immoveis.

Quando ha um anno se discutiu a expulsão geral das ordens religiosas, perguntei a Waldeck Rousseau se se expulsariam os religiosos dos estabelecimentos que fossem propriedades de tereiras pessoas.

Respondou me o ex-presidente do conselho sem vacillar que isto não succederia nunca, pois a expulsão só dizia respeito ás congregações proprietarias de immoveis que occupavam.

Mas hoje estamos vendo o contrario; expulsam-se como ladrões infelizes religiosos, que nada mais possuem que a sotaina que levam vestida, sem que ninguem se preocupe com o seu futuro ou com a sua vida.

E convem fixar a attenção na hypocrisia dos auctores de tal ignominia. Nunca teriam ousado proceder a essa expulsão antes das eleições; pois receiavam que cahisse sobre os seus partidarios a vingança dos eleitores. Agora, quando as eleições terminaram é que se vibra o golpe. Isto é abominavel.»

A guerra ás Congregações Religiosas tem-se tornado dia a dia mais decisiva, tendo já um grande numero de religiosos e religiosas abandonado os seus estabelecimentos e conventos á força. Em varias partes, tem havido manifestações contra o governo, havendo tumultos graves, como ainda ha poucos succedeu em Paris e Lyon.

Oxalá que Deus se compadeça da França, e a livre do terrivel precepicio em que está prestes a cair.



enfim, o meu espirito o meu coração e a minha intelligencia».

Ficamos pois sabendo que este Voltaire de cuecas e habeiro, que se ri das excommuniões e anathemas papaes, tambem fulmina os seus anathemas, — em nome da liberdade, já se vê; e mais sabemos que Tartufo junior protesta, ainda em nome da liberdade, contra os que se atrevem a reclamar tambem a mesma liberdade, de que elle, pelo visto, quer fazer monopolio; e sabemos, enfim, que estas 98 reduzidas paginas são o seu espirito, o seu coração, e a sua intelligencia...

Tem, pelo que vemos, a virtude, aliás pouco frequente, de *conhecer-se* e fazer confissão publica da sua *nullidade*. Porque, se o *espirito, o coração e a intelligencia* de Julio Pernetta se resumem na pobreza d'esta miseranda trapagem, .. reles coisas hão de ser na verdade.

A meu vêr, o livréco assimelha-se mais verdadeiramente a uma *manta de retalhos*. O auctor forragiou sollicito pelas ultimas produções que nos têm vindo dos lados do campo do anti-clericalismo barato; recortou á thesoura algumas passagens mais frisantes de trabalhos da *ultima hora* ultima hora, d'esses que formam o fundo da litteratura de *cordel*, e que se vendem a pataco ou tres vintens o kilo, para embrulhar pimenta, e para varios outros usos; amalgamou tudo isso a *troxe-moxe*, acondicionou parte da mercadoria com o nome e sob a responsabilidade dos auctores, e outra parte rotulou-a com a firma da casa. Formulou o *reçipe*, embrulhou cautelosamente, e offereceu aos seus compatriotas atacados de ultramontanismo reaccionario.

Ha aqui, pois, em primeiro logar, um chorrillo de diatribes e accusações sedicãs, que têm sido centenares de vezes peremptoria e victoriosamente refutadas: as atrocidades da inquisição, a carnificina de S. Bartholomeu, o odio da Igreja á civilisação e á sciencia, o *dogma* (!) do celibato, o confessorio, a infallibilidade papal, etc., etc. Contra tudo isto, e a pretexto de tudo isto, desfecha este senhor o bacamarte da sua rhetorica inoffensiva e balofa.

Mas tem o livro alguma coisa que poderemos chamar original. A esta vamos consagrar alguns momentos de attenção. Tarfa aliás muito facil: porque o novo discipulo de Voltaire segue, com exactidão exemplar, na piugada do mestre, mentindo e mentindo sempre na esperanza de que sempre pegará *alguma coisa*. Pois, meu liberal de pechisbeque, has de saber que em todos os tempos a iniquidade terminou por illudir-se a si propria. *Mentita est iniquitas sibi*.

Vamos á ementa das mentiras principaes — só d'estas, que para tomal-as todas a rol, seria preciso um maior volume do que este pobre livréco, ao qual, por immerecida condescendencia, estou consagrando estes preciosos momentos.

1.<sup>a</sup> *mentira*: — que a Igreja, além de varias calumnias que lhe assaca este impagavel *menino virtuoso*, faz da Ignorancia uma virtude e da Sciencia um crime». Pois não vês, ó coisa, que a Igreja canonisou Agostinho, Gregorio, Anselmo, Bernardo, Thomaz de Aquino, Boaventura? Pois não vês que ella tem seminarios, bibliothecas, museus e academias? Onde, como e quando concedeu á Ignorancia (com letra maiuscula) a prerogativa da virtude, e fulminou ou zomdeinou a Sciencia como criminoso? Facil seria demonstrar o contrario. *Mentita est iniquitas sibi*. Mentiste, com extraordinaria desfaçatez; mas, com a tua mentira, só tu és o prejudicado.

2.<sup>a</sup> *mentira*: — que a inquisição se servia do confessorio «para arrancar á mulher, á creada, os mais secretos pensamentos do homem...» — Mas não apresenta — porque não pôde apresental-o, um só caso — um só, meu desastrado calumniador! — em abono de tão grave asserção.

3.<sup>a</sup> *mentira*: — que a Igreja de Roma vende indulgencias, canonisa o crime, redime o adulterio com agua benta, etc.; vende missas e reliquias, etc. — Sempre a mentira de braço dado com a calumnia.

Ora diga o escriba sem consciencia quaes os preços d'essas vendas, quem os agentes d'esse trafico, onde e quando se tem feito esse commercio *sob a responsabilidade da Igreja*. Não o dirá, porque não o pôde dizer sem se expôr a que lhe gravemos mais fundo no frontispicio o ferrete de calumniador. E porisso, meu liberalão de uma figa, recolhe as garras, porque não encontrarás por ahí nada com que possas saciar a cubiça — que, a final de contas, não é com outro intuito que tu falas em compras e vendas e negociatas chorudas...

4.<sup>a</sup> *mentira*: — esta agora é de outro genero, mas de não menor calibre: a pag. 44 diz serem «as ideias communistas consideradas já no seculo XIII como uma heresia pela igreja» (primeira mentira). E na mesma pagina, algumas linhas abaixo, assevera que Francisco d'Assis «organisa uma sociedade comunista, fundada na adopção da pobreza», outra pta). — Aqui, além da mentira, ha a contracção flagrante: se as ideias communistas são pela Igreja condemnadas como heresia, como é que Francisco de Assis organisa uma sociedade comunista, que é approvada pela Igreja?... Ai, menino, que mais depressa se apanha um mentiroso do que um côxo... E como se comprehende uma «sociedade comunista fundada na adopção da pobreza?» Communismo significa *communidade de bens*, e pobreza significa falta ou carencia d'elles. Ora a verdade é que a sociedade organisaada por Francisco de Assis, porque effectivamente assentava sobre a «adopção da pobreza», não era, como não podia ser, uma sociedade comunista. Percebe o menino?

5.<sup>a</sup> *mentira*: — que o celibato é «dogma papesco». — Toda a gente sabe que não é tal. E' um ponto de disciplina, que poderia ser alterado salva a integridade da fé. Tanto assim que os que faltam á sua guarda, são pela Igreja reputados criminosos, mas nunca hereges. Ora percebe tambem o liberal varão?

6.<sup>a</sup> *mentira*: — que o tribunal do santo officio era *infallivel*. — O que é infallivel é que tu, pobre filho da viuva, não és capaz de abrir nunca essa bocca sem logo deixar sair grosso dislate. O santo officio não era infallivel. Tu bem o sabes; mas convem-te dizer o contrario...

Por este reduzido retalho já os leitores poderão ajuizar do estofo do livréco. Mas, para não alongar demasiadamente o estirão, fica o resto da viagem para o numero seguinte.

Até lá, vá o microscopico evangelizador da *liberdade*... para nós ruminando estas palavras: uma sociedade que não cahiu aos golpes dos Herodes e Julianos, dos Arios e Mahumets, dos Lutheros e Calvinos, dos Henrique 8.<sup>o</sup> e Voltaire, dos Pombal, dos philosophos do seculo XVIII, dos revolucionarios francezes, dos atheus, descrentes e apostatas do seculo passado, uma sociedade que a tudo isto tem resistido, olha com um sorriso de compaixão para os varios Pernetas que hoje, como em todos os sé-

culos da sua existencia, trabalham por minar-lhe os alicerces...

24-6-902.

O CHRONISTA DA «VOZ».



A *Revista Catholica*, a *Nação*, ao *Partidario*, a *Estrella Oriental*, a *Cruz*, a *Estrella Povoense*, ao *Amador Arraes*, a *Folha da Manhã*, ao *Jornal dos Arcos*, e a outros collegas da imprensa agradecemos as penhorantes expressões que nos teem dirigido a proposito dos nossos ultimos numeros.

A *Estrella Oriental* transcreveu os nossos artigos *A Esperança*, *A sorte é o trabalho*, *Verdades de fé e liberdade de critica*, *Quem diz o que não deve ouvir o que não quer*, *O Trabalho*, *Os Cavalheiros da Mercê*, *A Senhora de Nazareth*, etc.

Agradecemos.



## Aos nossos assignantes

Lembramos que o *sr. Germano da Silva* que por muitos annos fez parte activa do quadro administrativo da «*Voz de Santo Antonio*», estabeleceu-se n'uma empreza á parte, sobre a qual a «*Voz de Santo Antonio*» não tem responsabilidades absolutamente nenhuma.

Aproveitamos o ensejo para pedirmos desculpa aos nossos dedicados correspondentes e aos nossos numerosos assignantes — de quaesquer irregularidades que por este motivo hajam succedido no bom andamento administrativo da «*Voz de Santo Antonio*».

Pedimos novamente que toda a correspondencia relativa á «*Voz de Santo Antonio*» seja unica e exclusivamente dirigida ao *Rev.º Padre Director da «Voz de Santo Antonio» — Braga*.

Rogamos ainda aos nossos bons assignantes que façam

acompanhar o pagamento das assignaturas e outras cartas de importancia do respectivo numero da «*Voz de Santo Antonio*».

## FLORILEGIO

DE

## MUSICAS RELIGIOSAS

Contendo Canticos Ecclesiasticos, á Capella, e Populares  
Com acompanhamento de Orgão ou Piano

POR

CESAR DAS NEVES

*Professor das aulas de musica do Lyceu da V. O. 3.ª da Nossa Senhora do Carmo do Porto*

## A RELIGIOSA DO BOM-PASTOR

CONDESSA DE DROSTE VISCHERING

(Publicação a favor das Officinas de S. José, em Lisboa).

Acaba de sahir á luz esta interessante obra, modelo de edificante piedade christã e leitura para ser recommendada a todas as almas bem formadas.

PREÇO 400 RÉIS

Todos os pedidos devem ser feitos á *Livraria Catholica — Calçada do Carmo, 6 — Lisboa*.

## A PAZ D'ALMA

Pelo *P. Chaignon S. J.* Preço 500 réis.

# VOZ DE S. ANTONIO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

**Direcção.** — Toda a correspondencia deve ser dirigida unica e exclusivamente ao *Rev.º Padre Director da «Voz de S. Antonio» — Braga*.

**Assignatura.** — 1\$200 réis por anno, no reino e illhas adjacentes; para os demais paizes accresce o importe do correio.